

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador



SER
TÃO
CULT



Fabiano Godinho Faria é graduado e mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense e doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente leciona como professor efetivo no Instituto Federal do Rio de Janeiro.



Mauro Luiz Barbosa Marques é historiador. Doutor pela UNISINOS (RS) e professor no Instituto Federal de Pernambuco. Dedicar-se à pesquisa em temas como mundo do trabalho e história dos pensamentos políticos.

Organizadores

Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques

Giros à direita

Análises e perspectivas
sobre o campo
libero-conservador



Sobral
2020

**SER
TÃO
CULT**

Giros à direita: Análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador

© 2020 copyright by Fabiano Godinho Faria & Mauro Luiz Barbosa Marques (Orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Cícero João da Costa Filho
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhaes Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Raul Max Lucas da Costa
Regina Celi Fonseca Raick
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valeria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima
Telma Bessa Sales

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Ilustrações

Mateus de Paula Pimentel Ferreira

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

G527 Giros à direita: análises e perspectivas sobre o campo líbero-conservador./ Fabiano Godinho Faria, Mauro Luiz Barbosa Marques, (Organizadores). - Sobral- CE: Sertão Cult, 2020.

254p.

Número ISBN: 978-65-87429-04-5 - papel
Número ISBN: 978-65-87429-05-2 - E-book-pdf
Doi: 10.35260/87429052-2020

1. Política. 2. Liberalismo. 3. Conservadorismo. 4. Progressivismo. I. Título. II. Faria, Fabiano Godinho. III. Marques, Mauro Luiz Barbosa.

CDD 324.281

*Agradecemos o apoio das seguintes entidades sindicais
de servidores dos Institutos Federais de
Educação, Ciência e Tecnologia:*



Sumário

Apresentação / 9

Extrema direita e neofascismo: um fenômeno planetário: o caso Bolsonaro / 13
Michael Löwy

Neoliberalismo e (neo)autoritarismo: uma perspectiva de longo prazo a partir de casos do cone sul da América Latina / 20
Hernán Ramírez

Ultraliberalismo autoritário e o aprofundamento da dependência: o governo de extrema direita no Brasil no contexto da crise latino-americana / 46
David Moreno Montenegro

A reorganização da extrema direita latino-americana no ascenso bolsonarista: fóruns e redes organizativas / 71
Rejane Carolina Hoeveler

A direita unida em torno de Bolsonaro: uma análise da rede conservadora no Facebook / 90
Celina Lerner

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária e o delírio anticomunista da família Bolsonaro / 122
Fabiano Godinho Faria

Um balanço crítico dos primeiros 18 meses da política educacional do governo Bolsonaro / 159
Michelangelo Torres

A revolução a partir da extrema direita: análises dos projetos da Ação Integralista Brasileira (AIB) e do Nacional Sindicalismo (N/S) / 174
Felipe Cazetta

Armas, literatura ‘panfletária’ e antissemitismo: a postura conservadora de Gustavo Barroso no Brasil dos anos 1930 / 193

Cícero João da Costa Filho

Uma direita “plural”: configurações ideológicas e organizações políticas da direita brasileira contemporânea / 222

Fábio Gentile

Um fantasma ronda o mundo, o fantasma de Gilead / 241

Mauro Luiz Barbosa Marques

Apresentação

Parece evidente um crescimento expressivo de correntes denominadas como “extrema direita”, entre outros termos, que chegaram ao poder em várias partes do mundo, desde a América, com EUA, Brasil e Colômbia, passando pela Europa, de Hungria e Polônia, chegando à Ásia, de Israel, Turquia e Índia, entre tantos outros Estados Nacionais. Especialmente após a crise econômica global de 2008, saídas por este viés socioeconômico tiveram seu grau de influência ampliado imensamente.

Tal fenômeno não demonstra ser efêmero, apesar de importantes dificuldades onde é aplicado na gestão estatal. Ainda que não reste clara a duração desse processo, ele merece toda atenção e problematização necessárias, pois traz às disputas políticas globais novos elementos nem sempre compreendidos, especialmente pela massa crítica progressista. Estes alinhamentos vinculados à direita extrema, via de regra, combinam de forma contraditória e complementar aspectos conservadores e ultraliberais, regados a práticas autoritárias de cunho neofascista. Em comum, tendem a rejeitar ou reagir a qualquer risco que coloque em xeque a ordem instituída, apesar de uma aparência difusa antissistêmica. Este avanço das direitas extremas pode ser um desdobramento do fracasso do neoliberalismo tradicional em promover a elevação geral do nível de vida pela instalação de uma sociedade de competição perfeita. Como os resultados foram o oposto, apostam numa guinada de ódio em que culpabilizam os setores política e socialmente mais vulneráveis. Ao mesmo tempo, alternativas políticas ao modelo neoliberal tiveram inúmeras dificuldades e limites nas práticas políticas efetivas.

Desde suas origens, os conservadores são umbilicalmente ligados à defesa da tradição, da hierarquia e temem o “novo”. Historicamente ligam-se a uma ideia de alternativa global à modernidade, ao pensamento progressista e especialmente revolucionário, que reduziu o poder do chamado *Antigo Regime* europeu. Correntes liberais contribuíram em muito para tal virada histórica difundindo ideias sobre a possibilidade do indivíduo autônomo aperfeiçoar sua vida a partir de transforma-

ções baseadas na iniciativa, no progresso e na racionalidade. Curiosamente, liberais e conservadores se aproximaram em muitos sentidos, especialmente a partir da metade do século XIX. Mergulhar em tal problemática, também debatida aqui nesta obra, tem sua centralidade para entender tal processo político contemporâneo. Apenas o pragmatismo político explica tal aproximação?

Os elementos contemporâneos após 2008 carregam um cenário marcado pela decadência econômica e a busca da retomada da taxa de lucros do capital, a constante migração massiva em diversos pontos do planeta, especialmente no sentido “sul-norte”, o desemprego e precarizações extremas da força de trabalho. A falta de respostas de governos de diversas matizes distintas da extrema direita, entre outros fatores, se somam num caldeirão que permite a nova germinação de valores se não esquecidos, bastante minoritários no pós 2ª Guerra Mundial. Assim, neste momento em que o pêndulo político global se movimenta à direita, organizamos esta publicação e convidamos à sua leitura. É pretendido aqui discorrer sobre características, origens, concepções e práticas das “direitas”, em suas diversas matizes, priorizando a compreensão deste problema na contemporaneidade, mas debruçado na longa duração para a devida e aprofundada análise do tema.

Para tal objetivo, onze autores com seus respectivos artigos estão aqui elencados. **Michael Löwy** abre a série de capítulos desta obra discorrendo sobre a amplitude planetária da ação da direita extrema, dialogando com conceitos como fascismo, populismo e neofascismo, colocados à luz da prática política destes partidos e governos espalhados por inúmeros países. Ainda na perspectiva transnacional, fundamental ao tema, **Hernán Ramírez** traz a origem do neoliberalismo, especialmente no Cone Sul americano, e o relaciona com as engrenagens de sistemas autoritários praticados nos Estados da região e chega, temporalmente, a debater tal relação no tempo presente.

David M. Montenegro analisa a ascensão do governo Bolsonaro dialogando com o conceito de fascismo dependente pensado na longa duração, tendo como partida os regimes civis militares surgidos da década de 1960 em diante no espaço latino-americano e superando as variadas experiências de esquerda que assumiram o poder a partir do final do século passado. Na perspectiva do tempo presente, **Rejane C. Hoeweler** traz em seu capítulo um estudo sobre as múltiplas relações políticas, militares e empresariais entre as extremas-direitas latino-americanas, bem como suas conexões no último período, especialmente com a eleição de Jair Bolsonaro.

O capítulo escrito por **Celina Lerner** utiliza grafos que demonstram as relações entre mais de nove mil grupos no Facebook que formaram a rede libero-con-

servadora atuante nos últimos anos no Brasil. Uma impressionante radiografia deste instrumento utilizado pelos setores de direita com grande competência e ousadia neste período recente. Por sua vez, **Fabiano Godinho Faria** resgata a Doutrina da Guerra Revolucionária, uma espécie de “teoria da conspiração” importada do exército francês no final da década de 1950, que se tornou a alma da conspiração que derrubou João Goulart. No governo de Jair Bolsonaro, em pleno século XXI, essa mesma doutrina está sendo novamente resgatada das cinzas para justificar o renovado combate à ameaça do comunismo.

Navegando de forma comparativa entre os primeiros períodos republicanos de Brasil e Portugal, **Felipe Cazetta** retrata o embate do integralismo lusitano e brasileiro contra o liberalismo, as correntes socialistas bem como às formas democráticas, mesmo mínimas, de organização societal. No mesmo período histórico, **Cícero João da Costa Filho** analisa a trajetória intelectual de Gustavo Barroso, com destaque ao antissemitismo como elemento fundamental do projeto integralista do qual este intelectual nordestino ocupava a função de chefe da milícia. Nestes dois artigos, o integralismo é desnudado como importante corrente conservadora do início do século passado.

Fabio Gentile pensa em seu artigo configurações ideológicas e as organizações políticas da direita brasileira contemporânea. Traz e analisa a categoria de direita “plural”, destacando a tensão liberalismo-autoritarismo, algo presente na história do Brasil. Assim, o fenômeno da direita brasileira é pensado pelo autor numa perspectiva histórica e vinculado às tradições doutrinárias de longa duração. Por seu turno, **Mauro Luiz B. Marques** apresenta uma análise contextualizada da série distópica de imenso sucesso “O Conto da Aia”. Indo bem além do conteúdo da série em si, o autor relaciona a proposta ficcional distópica da autora com o cenário estadunidense, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, bem como desnuda aspectos centrais da doutrina ultra-liberal e ultraconservadora daquele país.

Michelangelo Torres aborda uma análise crítica dos primeiros 18 meses da política educacional do governo de extrema direita no Brasil. O andamento da análise recai sobre as continuidades e descontinuidades da política educacional no governo Bolsonaro em relação a governos que o precederam. A hipótese é que há, por um lado, o intuito de uma consolidação ideológica de base conservadora que pretende impor, por viés autoritário, uma nova face à educação no País com requinte de perversidade e obscurantismo (apoiado no conservadorismo e em um grupo fundamentalista de extrema direita), no intuito de ceifar qualquer perspectiva de autonomia ou pensamento crítico.

Tais textos analisam as práticas políticas libero-conservadoras-autoritárias planetárias, com destaque ao cenário nacional. Esta coletividade de autores espera contribuir para o pensamento crítico, libertário e de resistência a um mundo em disputa e que, perigosamente, pode voltar a beirar o obscurantismo societal.

Os organizadores

Fabiano G. Faria & Mauro Luiz B. Marques

Alguma coisa está fora do tempo: a doutrina da guerra revolucionária é o delírio anticomunista da família Bolsonaro



Fabiano Godinho Faria

O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), de alcunha “03”, nunca foi conhecido por sua moderação e sabedoria. De origem obscura no baixo clero, jamais chamou atenção até a eleição de seu pai à presidência da república num pleito repleto de nuvens. Desde então, aproveitou todas as oportunidades para se colocar sob a luz dos holofotes, seja como embaixador informal do governo em viagem aos Estados Unidos -onde se deixou fotografar com um boné de propaganda para a reeleição de Trump e mais tarde se propôs a ser embaixador - seja como líder do seu partido numa ascensão marcada por acirrada disputa interna, como arauto da moralidade bolsonarista, por suas brigas pessoais com a antiga namorada e a especulação sobre suas medidas íntimas ou simplesmente como filho do presidente. Numa de suas mais impactantes aparições, com a naturalidade de quem fala sobre o tempo, sugeriu a possibilidade do ressuscitamento do Ato Institucional número 5, o famigerado AI-5, medida da Ditadura Militar sob o general ditador Costa e Silva, que entre outras coisas, fechou o Congresso, colocou a imprensa sob censura, extinguiu o *habeas corpus* e mergulhou o país nos anos de chumbo, época em que tortura e assassinatos se tornaram política de Estado. A declaração que estarreceu o mundo político e gerou protestos à esquerda e à direita foi dada em entrevista à jornalista e youtuber Leda Nagle², em 29 de outubro de 2019. Em função dela, 03 é objeto de várias denúncias no Conselho de Ética da Câmara dos deputados que, se levadas às últimas consequências, podem lhe custar até o mandato.

- 1 Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.
- 2 NAGLE, Leda, “O que Eduardo Bolsonaro REALMENTE falou sobre o AI-5?”, [www.youtube.com](https://www.youtube.com/watch?v=m_cyKtTpL4&t=34s), 31 out. 2019, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_cyKtTpL4&t=34s, visto por último em 10 jan. 2020.

Dentre as inúmeras reações à fala de Eduardo, não faltaram aqueles que mui apropriadamente relembrou o que foi o AI-5 e a ditadura militar, também aquelas vozes a apontar o risco da banalização da apologia à ditadura em seus piores momentos e as ameaças que atitudes assim trazem ao Estado de Direito. Mas o conteúdo mesmo do que disse o filho do presidente ficou para quase todos ignorado. O objetivo desse breve texto é justamente desvendar a historicidade por trás da aparente bravata. Uma doutrina política de triste memória elaborada e documentada e que foi a alma da conspiração empresarial-militar que depôs o presidente João Goulart em 1964: a Doutrina da Guerra Revolucionária. Antes de mais nada, observemos as palavras exatas do filho do Presidente. No fatídico momento, a jornalista e youtuber Leda Nagle questionava o deputado sobre a conjuntura política na América Latina, mencionou as eleições na Argentina e as manifestações no Chile e, em sua resposta, Eduardo Bolsonaro usou as seguintes palavras:

Seria muita ingenuidade, Leda, a gente achar que isso daí não é arquitetado e tudo surgisse ao mesmo tempo. Eu tenho contato com Antônio Kast³, foi senador lá no Chile e quarto colocado na última eleição presidencial, tenho alguns outros amigos lá dentro do Chile, e o *feedback* que eles me dão, é o mesmo *modus operandi* dos *Black Blocks*. A pessoa organiza ditos protestos, chega na hora vandaliza tudo, queimaram estação de metrô, destruíram dezenas de estações de metrô, e quando você vai ver o grupo que fez isso não é um grupo grande não, é um grupo pequeno, mas bem organizado. A gente em algum momento tem que encarar de frente isso daí, vai chegar o momento em que a situação vai ser igual ao final dos anos 60 no Brasil, quando sequestravam aeronaves, quando executavam-se, sequestravam-se grandes autoridades, cónsules, embaixadores, execução de policiais, militares. Se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta, e uma resposta, ela pode ser via um novo AI-5, pode ser via uma legislação aprovada através de plebiscito, como ocorreu na Itália. Alguma resposta vai ter que ser dada, *porque é uma guerra assimétrica*, não é uma guerra em que você está vendo o seu [inimigo] do outro lado e você tem que aniquilá-lo como acontece nas guerras militares. É um inimigo interno, de difícil identificação aqui dentro do país. Espero que não chegue a esse ponto, né, mas a gente de que estar atento⁴.

Há uma tendência a não analisar com profundidade as falas da família Bolsonaro e atribuir todos os erros e distorções à falta de informação, cultura ou

3 José Antonio Kast Rist, é líder da extrema direita chilena, mais informações em: WIKIPÉDIA, “José Antonio Kast”. 24 dez. 2019, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Ant%C3%B3nio_Kast, visto por último em 19 jan. 2020.

4 UOL, “Eduardo Bolsonaro fala em novo AI-5 “se esquerda radicalizar”, 31 out. 2019, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/10/31/eduardo-bolsonaro-fala-em-novo-ai-5-se-esquerda-radicalizar.htm>, visto por último em 19 jan. 2020, grifos meus.

a má-fé do improviso. Pouca gente percebeu que a estrutura argumentativa de Eduardo Bolsonaro era a mesma dos militares que estiveram à frente das ditaduras militares na América Latina nos anos de 1960 e 1970. E isso por uma razão bem simples, também não procuraram analisar a historicidade do discurso dos generais nos anos de chumbo. Mais do que nunca, urge compreender a “lógica” e “racionalidade” do que diziam os milicos torturadores para podermos ter a exata dimensão a respeito do que anima as cabeças ocas daqueles que, no momento em que estas palavras são escritas, simplesmente nos governam.

Em sua entrevista, Eduardo Bolsonaro disse textualmente que estamos em Guerra, e isto é central. Para a ultradireita, vivemos uma guerra em toda a sua literalidade e que, portanto, deve ser encarada nestes termos e levada às últimas consequências. Entender isto é vital para a compreensão da profundidade do risco presente às instituições do Estado de direito e à democracia. O desvendamento e a denúncia desse ressuscitamento da Guerra Fria é o que nos propomos a fazer a partir de agora.

A história da Doutrina da Guerra Revolucionária e seus paralelos com o governo Bolsonaro

No ano de 1984, num momento em que a ditadura militar encontrava-se então profundamente desgastada, e muitos com exagerado otimismo viviam a expectativa de um novo presidente civil, os cinemas exibiram um documentário sobre o golpe de 1964: “*Jango*”. A película dirigida por Silvio Tendler foi à época um dos filmes mais assistidos em todo o país. Nesse documentário, constou uma das últimas entrevistas do General Antônio Carlos Muricy. O então general reformado foi um ativo participante do golpe, sendo mesmo o comandante de campo das forças mineiras que deflagaram o golpe em 31 de março de 1964. Em várias manifestações justificou, segundo seus critérios, o movimento de insubordinação de uma parte dos oficiais contra João Goulart. Analisemos uma de suas passagens:

E aqueles mais preocupados com o problema de luta que existia no Brasil, tomaram uma posição contra a subida de Jango, embora pessoalmente Jango não fosse um homem que nós tivéssemos uma atitude contrária por ele, mas pelos homens que o cercavam e que o estavam levando para um lado de esquerdismo que não era o que nós queríamos. E é preciso prestar atenção: é que *neste momento a guerra revolucionária já instalada no Brasil estava preconizando a conquista pacífica do poder*. E era isso que nós queríamos evitar que ocorresse no Brasil, que o Brasil fosse seguir o caminho da Tchecoslováquia⁵.

5 TENDLER, Silvio; DIAS, Maurício. **Jango**. Revista suplemento ao filme. Porto Alegre, L&PM, 1984, p. 29. Grifo meu.

Também naquela ocasião, a maioria dos expectadores se contentou com a conhecida manifestação de desconfiança a Jango e quase ninguém parou para se questionar a respeito do que exatamente queria dizer a expressão “guerra revolucionária” usada pelo orgulhoso general. A Doutrina da Guerra Revolucionária⁶ foi intensamente estudada e difundida neste período. Inicialmente nas escolas militares para oficiais e logo depois difundida também na sociedade civil pelos setores empresariais que conspiraram contra a constituição de 1946⁷. Durante os anos que precederam o golpe empresarial-militar de 1964, não foram poucos os opositores ao governo de João Goulart que mencionaram ruidosamente a suposta doutrina como meio de alertar a parte “cristã, conservadora e de bem” da sociedade brasileira para os riscos do comunismo. Para o então deputado federal e líder da União Democrática Nacional,⁸ Bilac Pinto⁹, por exemplo:

A “guerra revolucionária”, expressão concreta da estratégia expansionista dos soviéticos, é o mais impressionante fenômeno da história do comunismo universal. [...] Conhecem-na desde os provincianos das montanhas da Grécia aos indus das encostas do Himalaia, desde as tribos de Gana ou Mali ao camponês filipino ou vietnamês. Ignorá-la, ridicularizá-la, menosprezá-la constitui primarismo que só explicam as intenções inconfessáveis ou o enredamento na traiçoeira teia de seus processos tático e técnicos (BILAC, 1964, p. 4).

Curiosamente, até os dias atuais, os pressupostos da DGR assim como sua existência é algo quase completamente ignorado pelas forças de esquerda e mesmo pela historiografia em sua maior parte. Numerosos analistas da ditadura, embora reconheçam o forte movimento de oposição do período, desconhecem a origem dos principais conceitos que, pela via da difusão da DGR chegavam aos jornais e eram defendidos pelos civis e militares conspiradores.

A DGR, começou a ser elaborada por volta de 1955, a partir da experiência de alguns oficiais colonialistas franceses na Indochina e na Argélia¹⁰, países que

6 Doravante denominada a partir de agora pela sigla “DGR”.

7 Para um estudo sobre a articulação entre empresários e militares que resultou no golpe empresarial militar de 1964, o trabalho de Dreifuss (1981) é fundamental.

8 Fundada a 7 de abril de 1945, contra a ditadura estadonovista, União Democrática Nacional (UDN) foi o partido político Brasileiro que agregou os adversários à direita do populismo varguista. A UDN esteve envolvida em várias tentativas de quebra da ordem constitucional entre 1945 e 1964. Para saber mais sobre, consultar: BENEVIDES, Maria Vitória. “UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL (UDN)”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB**. Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>, visto por último em 27 jan. 2020.

9 Olavo Bilac Pereira Pinto, político mineiro de posições políticas conservadoras, ver mais sobre em: RAMOS, Plínio de Abreu, “PINTO, Bilac”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB)**. Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/olavo-bilac-pereira-pinto>. Acesso em: 27 jan. 2020.

10 Para um excelente histórico sobre a Doutrina da Guerra Revolucionária, ler MARTINS FILHO (2008).

foram palco de grande resistência ao colonizador europeu, inclusive com ação de grupos armados. Esses militares então duramente combatidos pelos povos por eles colonizados, instalaram os chamados *Bureaux Psychologiques* (unidades de Estados-Maiores militares voltados ao recolhimento de informações para ação contra-insurgentes). A conclusão do estudo foi a de que a resistência só podia ser explicada a partir de uma ação conduzida a partir de fora, pelo suposto “Movimento Comunista Internacional”. Decerto que transcende ao objetivo deste trabalho discutir sobre o processo de emancipação africana e asiática no pós-II Guerra Mundial. É mister observar, contudo, que após o término do conflito militar, muitas colônias aproveitaram a fragilidade de suas metrópoles para conquistar sua independência. É igualmente certo que no âmbito da chamada Guerra Fria, União Soviética e China apoiaram grande parte dos movimentos de independência, assim como os Estados Unidos, em alguns casos. Todavia a atribuição dessa insatisfação com a colonização estrangeira à ação do suposto “Movimento Comunista Internacional” e não com a colonização em si, é hipótese afirmada apenas com convicções, sem provas.

Os oficiais colonialistas franceses faziam uma leitura da conjuntura pós-Guerra em que o comunismo teria saído beneficiado pelos acordos internacionais, o que lhes teria possibilitado a execução da Guerra Revolucionária. Essa noção, que foi também difundida exaustivamente entre militares brasileiros, era tratada nos seguintes termos:

Ao término da Segunda Guerra Mundial, reinou uma atmosfera de amplo e geral otimismo, [...] foi criada o O.N.U. num ambiente de esperanças ilusórias, perfeitamente justificado ao deixar para o passado tamanha hecatombe.

A observadores mais argutos ficou evidente que, no conflito iniciado em 1939, o Ocidente perdeu a batalha da paz [...] tais observadores levam tal fato à conta de Yalta, onde as concessões feitas aos soviéticos iniciavam nova fase de intranquilidade política, econômica, social e militar (BRASIL, 1969, p. 4).

A divulgação da DGR no Brasil e na Argentina, bem como de todo o seu apelo em prol do intervencionismo militar, se deu antes mesmo de Kennedy promulgar o famigerado Memorando de Ação de Segurança Nacional, em 18 de janeiro de 1962, dando início ao movimento de contra-insurreição americana dos anos 60, que seria decisivo para os futuros Golpes de Estado na América Latina durante as décadas de 60 e 70 (MARTINS FILHO, 2008). O Fato de a DGR ser uma “contribuição” francesa e não americana pode ter facilitado sua não percepção, visto que a influência americana sempre foi enfatizada, ao passo que os franceses têm conseguido até então permanecer quase ignorados.

No Brasil, o primeiro passo oficial no sentido de divulgação da nova doutrina data de 1959 (MARTINS FILHO, 2008), quando o general Augusto Fragoso pronunciou palestra sobre o assunto no curso de Estado-Maior, da Escola Superior de Guerra - ESG. No ano anterior, alguns artigos sobre o tema já haviam aparecido em periódicos militares. Mas foi durante o governo Jânio, quando a direita militar estava mais próxima ao centro do poder, que a ordem para o estudo e aprofundamento da DGR foi dada através do general Cordeiro de Farias, então chefe do Estado-Maior das Forças Armadas - EMFA. Todavia, a renúncia deste presidente e a campanha da legalidade que possibilitou a posse de João Goulart¹¹ fizeram o processo diminuir em intensidade. Ainda assim, vários oficiais ativistas se esforçaram com os meios à disposição por manter viva a sua discussão. Desde o episódio da renúncia de Jânio Quadros em agosto de 1961 à subida de Castelo Branco ao Estado Maior do Exército¹² em setembro de 1963, artigos a respeito da DGR foram regularmente publicados em periódicos militares, com destaque para o *Mensário de Cultura Militar*, o *Boletim de Cultura Militar* e *Boletim de Informação*, todos de circulação restrita aos Estados Maiores das três armas (MARTINS FILHO, 2008). As aulas no Estado-Maior do Exército - EME, segundo Martins Filho, tiveram início a partir de 31 de agosto de 1962, no Rio de Janeiro.

A catequese anticomunista e intervencionista da direita militar, especialmente sobre mídia oficialidade, foi facilitada pela própria política militar de João Goulart, que isolou esse setor nas escolas militares. Ao que tudo indica, nem Jango, nem seus assessores militares diretos deram a devida importância ao que acontecia nestes estabelecimentos. Talvez porque a DGR, como todo bom movimento subversivo, tenha sido introduzida de forma sutil e discreta. As instituições oficiais de ensino militar atuavam então militantemente para difundir uma teoria política que tinha como principal conclusão a necessidade de as Forças Armadas intervirem e modificarem o Estado de direito.

11 A “Campanha da Legalidade” nomeia o movimento de resistência à tentativa de golpe perpetrada pelos ministros militares de Jânio Quadros que tentou impedir a posse do vice-presidente conforme previa a constituição de 1946. Para saber mais sobre o assunto, ver DREIFUSS (1981), SILVA (1975) e PAULA, Cristiane Jalles de. “O segundo mandato na vice-presidência e a crise sucessória”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB**. Verbetes disponíveis em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/VicePresidenteJanio/O_segundo_mandato_e_a_crise_sucessoria. Acesso em: 27 jan. 2020.

12 Estado Maior do Exército, órgão do Exército Brasileiro voltado à elaboração doutrinária, ver mais em: WIKIPÉDIA. “Estado-Maior do Exército (Brasil)”. 14 abr. 2019, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-Maior_do_Ex%C3%A9rcito_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-Maior_do_Ex%C3%A9rcito_(Brasil)). Acesso em 27 jan. 2020.

Características gerais da Doutrina da Guerra Revolucionária

Analiseemos então, os princípios gerais desta doutrina. A DGR é a forma pela qual os militares entendiam (e pelo jeito, alguns entendem ainda) a mobilização das forças de esquerda visando a construção do socialismo, o qual classificam como “tirania comunista”. Antes de mais nada, cabe enfatizar mais uma vez, os militares da Guerra Fria a concebiam como uma guerra, com todas as implicações do termo levadas às suas últimas consequências. Para que não restassem dúvidas, no documento “Aspectos da Guerra Contemporânea”, os autores traçaram um quadro identificando as diferenças entre a Guerra Convencional e a Guerra Revolucionária:

Quadro 1 - diferenças entre a Guerra Convencional e a Guerra Revolucionária

GUERRA CLÁSSICA	GUERRA REVOLUCIONÁRIA
1 - Destina-se a solucionar litígios entre nações e grupo de nações.	1 - Destina-se à conquista e manutenção do poder em favor do Comunismo Internacional.
2 - Procura derrotar as Forças Armadas contrárias e ocupar os territórios para impor a vontade.	2 - Procura conquistar a mente da população para agitá-la, subvertê-la e, assim, chegar ao poder.
3 - Emprega as Forças Armadas da nação ou coligação com o apoio de todas as atividades nacionais.	3 - Emprega grupos organizados e selecionados de agitadores que, em ínfima minoria, subvertem a nação-alvo.
4 - Utiliza como instrumento de ação o armamento convencional ou nuclear dos oponentes, auxiliada pelas Operações Psicológicas.	4 - Utiliza como principal instrumento de ação a agressão psicológica, somada com ações violentas conforme fins visados
5 - É, tradicionalmente, uma guerra de “status” declarado, regulada pelo Direito Internacional.	5 - Sua ação sub-reptícia e insidiosa não é prevista pelo direito e pela moral. “Status” não declarado.
6 - É ocasional e de duração fortuita, claramente demarcada na vida dos povos.	6 - É permanente. Difusa. Mesmo os dominados pelo comunismo estão sob vigilância.
7 - Movida por interesses nacionais ou aliados, sensibiliza e necessita de participação de todas as expressões do P.N ¹ .	7 - Movida por interesses ideológicos, repercute e mina o Poder Nacional em proveito do Comunismo Internacional.
8 - Especialmente, fica restrita à nação ou grupo em choque.	8 - Abrange a totalidade das nações mesmo as já subjugadas.
9 - É considerada por todos como cataclismo, procurando, quando não possa ser evitada, seja rápida.	9 - É considerada indispensável e desejada para a sobrevivência do Comunismo Internacional (BRASIL, 1969, p. 2-3).

Visto o quadro acima e procurando resumir as supostas gravidades da “Guerra Revolucionária”: a) seria uma ação de guerra orquestrada a partir de um centro internacional comunista; b) com vistas à tomada do poder por meio da conquista cultural da população; c) efetuada por grupos organizados de agitadores profissionais empregados tanto às atividades de dominação cultural e simbólico quanto de ações armadas conforme a fase da Guerra; d) esses agitadores (inimigos internos)

beneficiar-se-iam das garantias do Estado democrático em sua ação, visto que não haveria uma guerra formalmente declarada; e) a Guerra Revolucionária seria permanente, mundial e essencial ao comunismo internacional, ou seja, nunca estaríamos em paz, os inimigos sempre estariam agindo, explorando as brechas para agir, razão porque as forças “democráticas” também não podem jamais afrouxar a vigilância.

Em função da suposta identificação de inimigo tão arduo, os estudiosos da DGR argumentavam não agir, mas “reagir” a uma guerra de conquista. E essa desculpa era suficiente para justificar a violação de qualquer convenção internacional, ainda que em “tempos de paz”, visto que na ótica dos “arautos da liberdade”, não se vivia em paz, simplesmente a massa da população não tinha consciência que estava em guerra justamente porque dominada culturalmente por uma perigosa articulação comunista internacional.

As táticas e ações do movimento de esquerda foram então cuidadosamente esquematizadas. O General Augusto Fragoso, em sua palestra realizada na ESG, em 1959, a este respeito, atribuiu processos destrutivos e construtivos na consecução da Guerra Revolucionária. Entre os primeiros estariam a “deslocação”, a “intimidação”, a “desmoralização” e a “eliminação”. A “deslocação” atuaria: “visando o desmembramento do corpo social existente, a resistência passiva”. Entre as principais formas de luta desta tática estão: “as greves, os motins, o terrorismo seletivo eliminando pessoas chaves”. A “intimidação” visaria “à condução da massa” (FRAGOSO, 1959, p. 17) pela via do terror e da retaliação. A “desmoralização” “visando a perverter ou a corromper os meios políticos e militares” (FRAGOSO, 1959, p. 18). Ainda dentro das ações de “desmoralização” estariam todas as táticas de propaganda, chamadas genericamente de “guerras políticas”, com objetivo de abalar o moral do adversário, provocar divisões e corromper seus valores: “a subversão realiza uma guerra política, ao menor custo possível, destruindo a fibra moral do adversário [...] já que um dos objetivos das guerras revolucionárias é o de dividir as civilizações ocidentais” (FRAGOSO, 1959, p. 10-11). “A “eliminação”, típica de um momento mais radicalizado, implicaria nas “batalhas de aniquilamento”, liquidações físicas, deportações, execuções em massa” (FRAGOSO, 1959, p. 18).

Notemos que na conjuntura da década de 1960 tínhamos greves e motins, mas não assassinatos. Todavia, para quem aceitava os pressupostos da DGR, os assassinatos deveriam começar a ocorrer a qualquer momento. O estudo de tal doutrina tinha o efeito de criminalizar “cientificamente” os processos clássicos de luta da classe trabalhadora. No que Fragoso conceituava como “processos construtivos”, estão algumas das ações mais corriqueiras da construção das organizações

de esquerda e de suas atividades de propaganda: “seleção e formação básica dos elementos ativos necessários”, ou o que chama de “impregnação psicológica”: “estímulos, slogans, repetição incessante de afirmações, utilizando todos os meios de difusão”. Ou ainda: “enquadramento da massa para luta através do sistema dito das hierarquias paralelas (sindicatos, órgãos estudantis, clubes etc.)” (FRAGOSO, 1959, p. 18). Em suma, as entidades de direito privado constituídas com fito de representar categorias sociais ou promover o debate crítico acerca da realidade socialmente vivida, instituições de longa existência histórica, mesmo nos países centrais do capitalismo, eram classificadas como “hierarquias paralelas”. Todavia, para que a linha de raciocínio conduzisse a um cenário convenientemente tenebroso, cada atitude deveria estar associada a uma linearidade mecânica. Nenhuma ação construtiva da esquerda deveria ser analisada em si mesma, e sim relacionada a um objetivo final, que é a “organização das zonas libertadas” (FRAGOSO, 1959, p. 19) pela violência e a tomada do poder com instauração da suposta ditadura comunista.

A construção do inimigo (o comunismo) pela DGR consistiu na atribuição de um maléfico juízo de valor. Ao mesmo tempo em que pregava a abstenção militante em discutir o mérito das questões colocadas pelos movimentos de esquerda em suas diversas matizes, criava a figura de um oponente arditosamente poderoso e mau, que deveria ser combatido sem tréguas em nome de causas amplamente genéricas e nunca questionadas: “a civilização”, a “família”, a “democracia” etc. A chamada “guerra psicológica” tinha importância central no esquema, e permearia todos os momentos da batalha:

Em todos estágios da guerra revolucionária encontra-se a guerra psicológica que, em teoria – na estrita teoria marxista –, deve explorar as contradições do adversário; contradições de classes e contradições internacionais. Na prática, porém, a ação psicológica revolucionária explora todas as formas de descontentamento e de revolta, as crises políticas como as crises financeiras, a dissolução econômica e desintegração dos impérios coloniais. Uma sociedade, uma civilização não toma consciência da guerra revolucionária senão no momento em que já se encontram profundamente contaminadas (FRAGOSO, 1959, p. 10).

Embora se baseasse em experiências históricas bem concretas e específicas, tais como os casos da Argélia e do Vietnã, a DGR afirmava que o mesmo processo de subversão se daria de forma diferenciada em cada contexto, conforme observou em sua época Bilac Pinto, “A teoria francesa [...] não tem caráter rígido nem universal, devendo ser adaptada às condições peculiares de cada país sul-americano” (PINTO, 1964, p. 148). Isso permitiu a oficiais brasileiros e argentinos encontrar em Perón e Jango (que nada tinham de comunistas), “ferramentas do

comunismo”. Toda forma de organização que merecesse minimamente a qualificação de “esquerdista” deveria ser posta sob vigilância e classificada de acordo com a sua função dentro do que se entendia como a guerra revolucionária no Brasil. Como a atuação violenta era colocada ao final do processo, supostamente após várias ações de preparatórias, permitia-se ver a qualquer um como um perigoso inimigo que precisava ser combatido com prioridade, ainda que à custa da quebra das leis vigentes, posto que estas eram incapazes de opor-lhe a resistência devida. Qualquer movimento reivindicatório podia (e frequentemente era) relacionado aos planos do comunismo chegar num futuro breve ao poder mediante à ação armada, pois: “O ritmo da GR inicialmente é extremamente lento” (BRASIL, 1961, p. 48). Nas primeiras fases, a suposta atuação dos comunistas se daria de forma disfarçada “Esses movimentos revolucionários não são normalmente padronizados” (BRASIL, 1969, p. 7), e “o comunismo vale-se de inúmeras outras organizações ostensivas ou de fachada, tais como: centros de estudos culturais, associações de bairros, clubes recreativos, organizações de juventude, femininas, religiosas, pró-paz, etc.” (BRASIL, 1969, p. 19). O resultado de tudo isso já é sabido, um clima de perseguição generalizada, com serviços de segurança à espreita em todas as atividades artísticas e educacionais. Tudo em nome, obviamente, da democracia, da liberdade e da cultura ocidental.

De acordo com os documentos internos do Exército Brasileiro, a dita “Guerra Revolucionária” seria deflagrada em cinco fases ou etapas. A primeira seria a preparação do terreno, onde os comunistas atuariam sem declarar seus objetivos, buscando diminuir as resistências da população à sua existência. Seria a etapa da agitação democrática. Nos termos da “Introdução ao Estudo da Guerra Revolucionária”: “1ª) constituição de núcleos ativos, inicialmente secretos – de agitação, de propaganda e de informação –, difundindo a ideia, envenenando as contradições e se opondo às medidas imprudentes do poder” (BRASIL, 1961, p. 21). No caso brasileiro, desde 1958, por força da Carta Política de 1958¹³, o Partido Comunista do Brasil – PCB¹⁴ defendia a atuação democrática. Ainda que no campo

13 A “Carta Política de 1958” foi o primeiro documento oficial do Partido Comunista do Brasil (PCB) no sentido de superação da linha do “Manifesto de Agosto”. O “Manifesto de Agosto” constituiu um momento de inflexão ao ultraesquerdismo pelo PCB. A pressão para essa guinada sofreu interferências externas expressas no recrudescimento da Guerra Fria, mas também condicionantes internos, especialmente pela perda da legalidade do partido em 1947. No Manifesto de Agosto, os comunistas advogavam a ruptura com Vargas, a quem acusavam de serviço do imperialismo, da burguesia, do latifúndio etc. A linha do “Manifesto de Agosto” contrasta com a postura bastante moderada que o PCB adotou especialmente a partir dos últimos anos do Estado Novo e na opinião de Antônio Carlos Mazzeo constitui: “um hiato da linha política implementada pelo PCB após 1945” (MAZZEO, 1999, p. 74). A “Carta Política de 1958” apontava para uma mudança de linha no sentido de aproximação com os setores patrióticos e progressistas, inclusive com a burguesia nacional. Marca, portanto, o movimento de aproximação do PCB com setores reformistas, tais como o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB e, mais tarde, o governo João Goulart. Mais informações sobre o “Manifesto de Agosto” e “Carta Política de 1958” em GORENDER (1998); RIDENTI (1993); VINHAS (1982).

14 Até 1961, o significado da sigla “PCB” era “Partido Comunista do Brasil”, esse era o nome oficial do partido desde a sua fundação em 1922. Em 1961 a Comissão Executiva, sob a liderança de Luís

da esquerda essa linha fosse motivo de forte polêmica interna, esses militares afirmavam com convicção que tudo não passava de uma ação psicológica. Uma teatralização que visava minar as resistências da população à atuação institucional deste partido para, em momentos posteriores, colocar em prática seus “verdadeiros objetivos”. Em sua época, a DGR promovia uma campanha contra os setores da esquerda que, para desespero e crítica de seus pares, mais se esforçavam para se adaptarem ao capitalismo e à “democracia burguesa” de sua época. Não importava o quão claro fosse o apelo do PCB para se fazer palatável e assumir o reformismo. Cada uma de suas ações no campo democrático ou das reformas foi ativamente denunciada como início da revolução comunista na sua pior acepção.

Para os expoentes da DGR, a atuação pacífica era mais perigosa que a atuação armada: “a experiência tem demonstrado que, em certos países, as minorias revolucionárias têm logrado conquistar o poder sem ter necessidade de chegar à fase da violência” (BRASIL, 1961, p. 39). O “exemplo” mais comumente utilizado pelos defensores da DGR da chegada dos comunistas ao poder por meios pacíficos era a Tchecoslováquia. De acordo com os militares, o modelo da revolução ocorrido neste país era associável à estratégia pacifista do PCB e, portanto, estaria servindo de inspiração no Brasil, citando Jan Kosak: “Uma condição elementar de êxito é, por conseguinte, a combinação da pressão de cúpula com a pressão de base e seu efeito conjunto sobre o desenvolvimento e poderio da evolução” (BRASIL, 1961, p. 27).

A denúncia das “verdadeiras intenções” da esquerda não se restringiu aos círculos militares. Vários conspiradores civis se apropriaram dos conceitos da DGR para criar um clima de pavor. O então deputado federal da UDN, Bilac Pinto, é um excelente exemplo. A partir de sua tribuna no Congresso Nacional, relacionava campanhas pacíficas do PCB a outros movimentos sociais e mesmo a políticas de Estado que, dentro de sua ótica, também estariam promovendo a primeira etapa da guerra revolucionária:

a) campanhas civilistas [...]; b) propaganda de paz e desarmamento; c) propaganda contra o serviço militar [...]; d) criação e alimentação de dissensões entre as forças armadas e, no seio delas, entre escalões e grupos integrantes; e) indisposição das forças armadas com a opinião pública; f) incentivo do emprego das forças armadas em tarefas inadequadas; g) pressão favorável à escolha e promoção de chefes militares capazes de favorecer os objetivos revolucionários; h) Má remuneração das forças armadas, particularmente da oficialidade (PINTO, 1964, p. 142-143).

Carlos Prestes, operou uma pequena modificação nos estatutos do partido e no significado da sigla, que passou a ser lida por “Partido Comunista Brasileiro”. Essa revisão estatutária e na sigla, que teve por objetivo não atingido reconquistar a legalidade, foi utilizada pela minoria stalinista para justificar seu rompimento, que se concluiu em 1962. Foi quando surgiu um novo partido com a sigla “PCdoB”, lida por “Partido Comunista do Brasil”, antigo significado de “PCB”. Para seus integrantes, o PCdoB não é uma nova organização, é o partido fundado em 1922 “reorganizado”.

O segundo momento seria a construção de uma rede de organizações subversivas controladas por militantes comunistas: “2ª) [...] instituição de organizações locais (urbanas, rurais), formando uma rede de vigilância e de resistência passiva”. Essa rede teria como meta: “raptar os refratários, isolar e intimidar os adversários e arruinar as associações e os meios da sociedade e desarticular”. No Brasil, o ascenso das lutas sociais no período pós-1945 e especialmente desde o fim da década de 1950 seria uma evidência clara da construção desta segunda etapa. Cada novo sindicato independente, cada nova organização de base era tida como uma ação dentro deste objetivo: “a criação de um clima ‘favorável’ à expansão da ideia caso o próprio Poder ameaçado não ofereça por sua passividade ou sua inépcia, as ocasiões procuradas”(BRASIL, 1961, p. 21).

Ainda nesta segunda etapa, estaria o movimento de infiltração do comunismo dentro do Estado. Esse ponto foi de decisiva importância para a divulgação da DGR, visto que para os militares de direita, o conceito de comunismo era tão elástico que qualquer um poderia sofrer essa acusação. Os meios de comunicação, mobilizados para a conspiração contra o Estado populista, denunciaram incansavelmente a penetração de comunistas em postos importantes da administração federal. Nesse ponto, a doutrina francesa pôde sempre contar também com o seu aliado da América do Norte, com frequência com a participação do próprio embaixador. Como por exemplo, na palestra de Lincoln Gordon na ESG em 1962, citada por Dreifuss, onde menciona a infiltração comunista no governo de Jango: “Não existem provas em todas as partes de uma sistemática infiltração comunistas nas universidades e nos grupos estudantis, nos sindicatos e nos meios de comunicação, no serviço público e nos partidos políticos” (*apud* DREIFUSS, 1981, p. 140)?

De acordo com os ideólogos da referida doutrina, estas duas primeiras etapas constituiriam a chamada fase pré-revolucionária: “Aquela luta, em princípio sem violência e sem sangue [...] a que alguns autores chamam de GUERRA SUBVERSIVA” (BRASIL, 1961, p. 16, grifo no original). E como já enfatizado várias vezes, longe de considerar essa batalha eminentemente psicológica como mais branda, os defensores da DGR não hesitavam em afirmar o contrário. Como dentro das regras do Estado de direito, as Forças Armadas não estariam autorizadas a intervir em casos como estes, a fase pré-revolucionária é tida como a mais preocupante: “Nunca será demais insistir em que o primeiro período é o mais perigoso do processo, porque é o mais difícil de combater” (BRASIL, 1961, p. 22).

A terceira etapa consistiria na instituição de grupos armados e das ações de guerrilha e terrorismo. No contexto da década de 1960, a organização dos “Grupos dos 11” por parte de Brizola¹⁵, as Ligas Camponesas e as discussões no seio da esquerda das vias para o socialismo no pós-Revolução Cubana eram lidas pelos militares brasileiros como ações que visavam estabelecer no Brasil esta terceira etapa:

15 Os “Grupos dos 11” foi uma tentativa do então deputado federal Leonel Brizola, em 1963 de criar vários grupos de pressão, capilarizados por todo o território nacional, a fim de fazer crescer as mobilizações em torno das reformas de base. Para saber mais, ler: LAMARÃO, Sérgio. “Grupos dos

3ª) constituição de bandos: núcleos de choque permanentes, ou milícias locais prontas a se reunirem para um golpe de mão e a se dispersarem logo. É o momento escolhido pelos “rebeldes” para passarem à ação: sabotagens mais numerosas, atentados para eliminar quadros locais adversos, terrorismo, propaganda sempre mais violenta e mais intensa, recrutamento dos primeiros “combatentes” formados militarmente e, sobretudo, “convertidos”. A guerrilha aparece (BRASIL, 1961, p. 21).

Para a maior parte dos analistas da DGR, no Brasil já estavam consolidadas a primeira e a segunda etapa, e estaríamos então iniciando esta terceira etapa. Isso foi denunciado repetidas vezes no Congresso nacional por Bilac Pinto: “Estudo realizados na Escola Superior de Guerra e nas Escolas de Estado-Maior [...] chegaram à conclusão de que, no Brasil, a ‘guerra revolucionária’ está na terceira fase” (PINTO, 1964, p. 53).

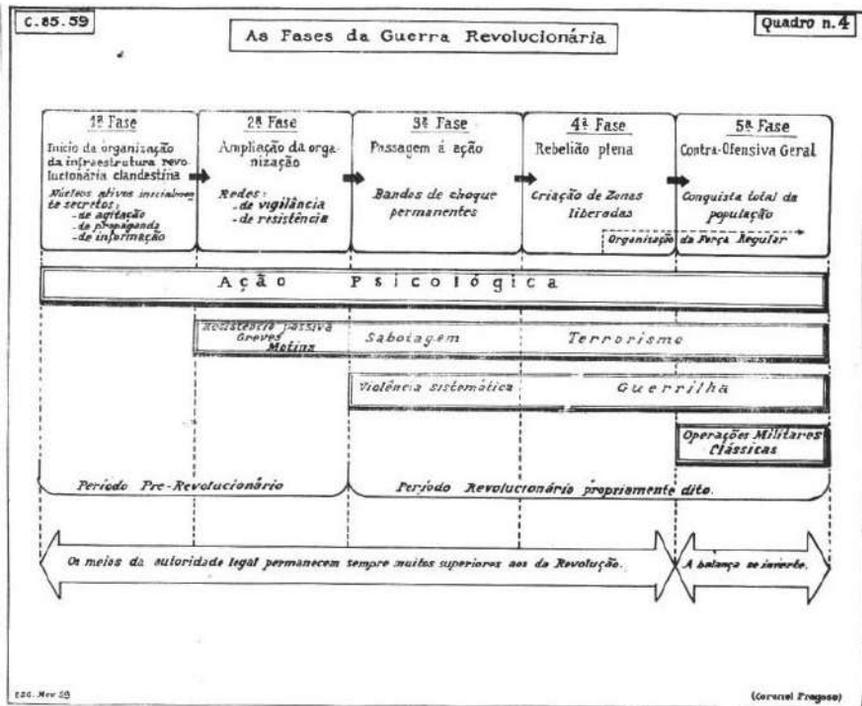
A quarta etapa consistiria no estabelecimento de “zonas livres”, onde o Exército nacional já não teria mais controle. Naquele momento, já existia no campo da esquerda brasileira um intenso debate sobre as formas de luta visando ao socialismo e sobre as estratégias de organização da esquerda revolucionária. Para os defensores da DGR, contudo, a guerrilha não era uma alternativa à linha do PCB, mas uma continuação dela:

4ª) a rebelião se esforça em instalar uma rede de bases seguras em todo o país, [...]. Propagandistas armados [...] dosam judiciosamente terror e persuasão para conquistar os espíritos, para aprofundar o fosso entre governo (Poder) e as populações, para comprometer essas últimas. Os esforços são concentrados sobre zonas cuidadosamente escolhidas [...] Células, organizações locais, bandos proliferam; unidades regionais, bem comandadas e armadas, suscetíveis de manter campanha (BRASIL, 1961, p. 20).

A instalação dessas zonas livres seria a base para o desencadeamento da quinta e última etapa, a constituição de um exército revolucionário para a ação violenta direta contra o governo e a tomada do poder.

5ª) então a luta pode entrar na sua última fase, período ativo de guerra revolucionária, combinando estreitamente operações de tipo clássico e ações de guerrilha; a ação psicológica continuando a atacar o moral adverso já quebrantado (abalado). O fim não está mais longe: a revolução triunfa quando se ultima a conquista de toda a população, e quando a “contraofensiva geral” esmaga as forças do poder estabelecido ou o força à capitulação (BRASIL, 1961, p. 21).

Em termos resumidos, a DGR divide a estratégia do comunismo em duas grandes fases: a pré-revolucionária (que compreenderia as duas primeiras etapas) e a revolucionária (que compreenderia as três últimas). A fase revolucionária só seria instalada no momento em que as forças de defesa “democráticas” estivessem vencidas. Por esta razão, esta primeira grande fase era considerada a mais perigosa. Nesse sentido, para os crentes da DGR a leitura da conjuntura brasileira em inícios da década de 1960 podia parecer desesperadora: “A América Latina, provavelmente em futuro próximo, será teatro de guerras revolucionárias” (FRAGOSO, 1959, p. 11). Mesmo porque, a referida teoria se mostrava absolutamente descrente das capacidades do Estado liberal em resistir a essa tática comunista. Dentro da ótica da direita militar, a legislação em vigor “não está adaptada à luta contra as ações subversivas [...] e, embora as Forças Armadas devam participar [...] essa participação é excepcional, limitada [...] à estrita formalidade da prévia requisição” (BRASIL, 1961, p. 22). O quadro abaixo, por fim, resume as cinco fases descritas acima (BRASIL, 1961):



Algumas manifestações da Doutrina da Guerra Revolucionária no governo Bolsonaro

Como resta claro por todo o exposto, a política de esquerda em qualquer uma de suas modalidades e manifestações era tida no âmbito da DGR como um ato criminoso e de guerra e que deveria ser prontamente combatida sem os limites do Estado de direito. Numa rápida comparação, saltam aos olhos as semelhanças entre este conceito e inúmeras declarações do atual presidente da república, seus filhos, assessores, guru etc. Só para mencionar um evento ocorrido próximo à data que escrevo, porque realmente são incontáveis as manifestações nesse sentido, relembro a discussão que o presidente Bolsonaro travou com jornalistas no dia 16 de janeiro de 2020 durante discurso no Palácio do Planalto, após atacar a imprensa de diversas formas e inclusive utilizar a expressão “calar a boca” para intimidar algumas perguntas, associou imprensa e esquerda e, do alto de seu descontrole, disse: “Não dê chance para essa esquerda! Eles não merecem ser tratados como se fossem pessoas normais que quisessem o bem do Brasil. Isso é mentira!”¹⁶

O então candidato Jair Bolsonaro, em seu movimento de ascensão, ficou conhecido por alguns jargões. Um dos principais deles foi: “Direitos humanos para humanos direitos”. Esta frase, para a maioria das pessoas remete obviamente à repressão policial ao criminoso comum, contudo, há algo mais. Dentro do que concebe a DGR, as convenções internacionais não deveriam valer para os “criminosos políticos”. Nos documentos internos do exército, isso é dito com toda a convicção, sem margem para dúvidas: “Um ruidoso ‘habeas-corpus’, habilmente explorado, não só irrita e desencoraja a população que se vê à mercê da subversão, como desestimula e desmoraliza os agentes da lei”(BRASIL, 1959, p. 18), ou ainda:

Além do mais, até mesmo as novas Convenções de Genebra, de 1949, estendem a proteção da Instituição aos participantes dos conflitos armados que surjam, [...] proteção esta que, sujeita a ser aplicada unilateralmente, implicará em manter a repressão nas vias humanitárias das convenções [...] Urge, pois, que se disponha [...] de uma legislação adequada. Não se pode manter, em relação ao militante da guerra revolucionária, o respeito das liberdades individuais asseguradas aos demais cidadãos e as medidas de proteção que beneficiam, na ação Judiciária, os delinquentes do direito comum. [...] podemos dizer que o fundamento da liberdade individual dos cidadãos deve ser concebido não como um fim em si, mas nos limites compatíveis com o “bem comum” do Estado e, notadamente, com sua defesa (BRASIL, 1959, p. 23).

16 TERRA, “Esquerda não merece ser tratada como normal, diz Bolsonaro”, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/esquerda-nao-merece-ser-tratada-como-normal-diz-bolsonaro,9537b97a182bb93ac08a08194ac8d93b9ffx49n4.html>, visto por último em 20 jan. 2020.

Tal como no ambiente que envolveu o processo do golpe de 1964, o discurso do inimigo interno identificado no pensamento de esquerda aparece com todo o vigor na fala da família Bolsonaro. Nas palavras de Eduardo Bolsonaro: “*porque é uma guerra assimétrica, não é uma guerra em que você está vendo o seu [inimigo] do outro [...] É um inimigo interno, de difícil identificação*”¹⁷. Essa tendência a tratar a política como ação militar e de ver os adversários como inimigos é uma constante na DGR. É exatamente isso o que estamos analisando na fala do deputado, nada menos que uma criminalização do pensamento de esquerda, dentro da mesma lógica em que defendiam os oficiais empenhados na perseguição aos movimentos de oposição durante as décadas de 1960 e 70. Não por acaso, o mesmo Eduardo Bolsonaro é autor do Projeto de Lei 5358/16 (BRASIL, 2016a) que propõe inserir no artigo 20 da lei 7.716 (BRASIL, 1989), a lei que criminaliza o preconceito racial e também a apologia ao nazismo, a menção ao “embate de classes sociais”. “03” quer nada menos que criminalizar a menção à luta de classes em qualquer de suas manifestações, assim, o artigo que atualmente está redigido do seguinte modo: “Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (BRASIL, 1989), mudaria para: “Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional ou fomentar o embate de classes sociais” (BRASIL, 2016b). Dizer, por exemplo, que a população negra é explorada economicamente por uma classe dominante branca seria tão criminoso quanto o racismo, e Angela Davis provavelmente seria presa durante a palestra que proferiu no Brasil¹⁸. Adicionalmente, um parágrafo propõe criminalizar também o símbolo da foice e do martelo como se este carregasse a mesma gravidade da suástica nazista:

“§ 1º Fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, a foice e o martelo ou quaisquer outros meios para fins de divulgação favorável ao nazismo ou ao comunismo.” (BRASIL, 2016b).

O mesmo projeto de lei propõe ainda inserir as organizações comunistas na lei 13.260 (que tipifica as organizações terroristas): “Art. 2º O terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos previstos neste artigo [...] ou de fomento ao embate de classes sociais” (BRASIL, 2016b). Mesmo a menção a experiências socialistas ou ícones históricos da esquerda que, nos critérios do que propõe Eduardo Bolsonaro, venham a ser considerados terroristas, seriam crimi-

17 UOL, 31 out. 2019, *Op cit.*, grifos meus.

18 PINHEIRO, Constança Tastch e Amanda. “Angela Davis define Rio como ‘a cidade de Marielle’ e cobra punição a mandantes”. **O Globo**, 23 out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/angela-davis-define-rio-como-cidade-de-marielle-cobra-punicao-mandantes-24038303>, visto por último em 27 jan. 2020.

nalizados: “Fazer apologia a pessoas que praticaram atos terroristas a qualquer pretexto bem como a regimes comunistas” (BRASIL, 2016b).

O que a direita política defensora da DGR faz é se arrogar ao direito de determinar os caminhos que a humanidade pode e, sobretudo, *não pode* seguir. Propondo-se a “limitar” esse desenvolvimento e impedir que a humanidade, em seu processo, siga na direção do que se chama de “comunismo”, ou seja, praticamente tudo. Nos documentos analisados, a questão da legitimidade da luta a qualquer preço em defesa do capitalismo não é tratada. No máximo uma curta menção em um parágrafo:

O comunismo, teoricamente, pretende substituir a atual sociedade do mundo democrático - baseado no homem como pessoa revestida de dignidade intrínseca - por uma outra, onde o homem não passaria de instrumento exclusivo da coletividade, o que, na prática, cairia inevitavelmente no estado totalitário (BRASIL, 1969, p. 12).

Para Eduardo Bolsonaro, essas alusões são centrais no processo que em sua ótica condiciona a necessidade de endurecimento do regime. Num primeiro momento, quando fez referências às manifestações do Chile, levantou suspeitas sem apresentar evidência alguma de que haveria uma “arquitetura maior” na organização das manifestações: “Seria muita ingenuidade, Leda, a gente achar que isso daí não é arquitetado e tudo surgisse ao mesmo tempo”. Logo em seguida, sugere que há um *modus operandi* na condução do processo: “tenho alguns outros amigos lá dentro do Chile, e o *feedback* que eles me dão, é o mesmo *modus operandi* dos *Black Blocks*. A pessoa organiza ditos protestos, chega na hora vandaliza tudo”. Depois afirma que: “quando você vai ver o grupo que fez isso não é um grupo grande não, é um grupo pequeno, mas bem organizado”¹⁹. E como consequência lógica do modo de interpretar a realidade a partir dos conceitos da DGR conclui:

A gente em algum momento tem que encarar de frente isso daí, vai chegar o momento em que a situação vai ser igual ao final dos anos 60 no Brasil, quando sequestravam aeronaves, quando executavam-se, sequestravam-se grandes autoridades, cônsules, embaixadores, execução de policiais, militares. Se a esquerda radicalizar a esse ponto, a gente vai precisar ter uma resposta.²⁰

Na fala de “03” não há nenhuma prova, apenas suposições distorcidas imersas em uma realidade inventada. Embora os governos do Chile e do Brasil sejam

19 UOL, 31 out. 2019, *op. cit.*

20 Idem.

conservadores e os parlamentos dos dois países sejam também em sua maioria da mesma orientação política. Ainda que em lugar algum se esteja propondo a expropriação da propriedade privada ou ao menos uma reforma política de modo a incluir os movimentos sociais nos processos decisórios oficiais, ou qualquer medida que possa mesmo indiretamente ser referenciada no marxismo, o “espectro do comunismo” ronda o discurso da família Bolsonaro. A afirmação ora em análise não constitui caso isolado, em várias declarações, Eduardo Bolsonaro deu a entender que uma poderosa articulação comunista domina os bastidores. Por exemplo, na ocasião da indicação ao Oscar do documentário “Democracia em vertigem”, dirigido pela cineasta brasileira Petra Costa. Eduardo sugeriu que o documentário só foi indicado por conta de seu viés esquerdista:

Onde chega a esquerda visa dominar a educação e cultura principalmente. Essas indicações ao oscar não são a toa e não se engane, se fosse um documentário mostrando a maior manifestação de rua da história do Brasil (contra o PT do lulopetismo) jamais seriam indicados (sic).²¹

Talvez uma das maiores dificuldades em dialogar com o fascismo seja responder às intertextualidades distorcidas e sobrepostas. Sugerir que as indicações ao Oscar são influenciadas, mesmo que remotamente, pela esquerda comunista é hipótese tão ridícula que sequer merece argumentação em contrário. Não existem em lugar algum, informações que subsidiem a hipótese de que os atos de vandalismo ocorridos recentemente no Chile tenham sido de responsabilidade de um grupo “pequeno, mas organizado”. Afirmar que as manifestações nesse país têm o mesmo *modus operandi* dos *Black Blocks* (isso dito supostamente por pessoas que sequer estiveram no Brasil durante as manifestações de 2013), é outra informação polêmica. Mesmo porque os mencionados *Black Blocs*, que ficaram conhecidos pelos enfrentamentos com as forças de segurança pública, por princípio não reconheciam a liderança das organizações tradicionais da esquerda e nem jamais houve qualquer evidência que apontasse alguma articulação internacional. Além disso, hoje, depois de completamente dispersado o movimento, lideranças importantes daqueles *Black Blocs* estão na base do bolsonarismo. Um dos casos mais famosos é Eduardo Falzi, um dos autores ao atentado à sede da Porta dos Fun-

21 TWITTER, @BolsonaroSP, BOLSONARO, Eduardo. 13 jan. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1216896779133669376>. Acesso em: 28 jan. 2020. A pontuação está completamente fora dos padrões da norma culta da língua. Presumo que Eduardo quis escrever o seguinte: “Onde chega, a esquerda visa dominar a educação e a cultura principalmente. Essas indicações ao Oscar não são à toa. Não se engane, se fosse um documentário mostrando a maior manifestação de rua da história do Brasil (contra o PT do lulopetismo), jamais seria indicado”.

dos²², atualmente foragido na Rússia²³, foi um *Black Bloc* em 2013 e atualmente é um integralista e bolsonarista fanático²⁴. Os aludidos sequestros, assassinatos e execuções que surgem na fala de Eduardo são grosseiras distorções. Nenhum cônsul ou embaixador foi assassinado na resistência armada à ditadura. Foi o Estado que torturou e assassinou milhares de pessoas. As baixas do lado da repressão foram em número muito menor que do lado da resistência armada, e se deram após o golpe de 1964 e em reação à restrição das liberdades democráticas. Foram efeito e não causa da ditadura. Por fim, as manifestações de março de 2016 em apoio ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff foram grandes, mas estão longe de terem sido as maiores da história do Brasil. A fala de Eduardo Bolsonaro é apenas mais uma, dentre tantas do mesmo quilate, que criminalizam o direito de posicionamento político. Podem ser comparadas ao que os militares defensores da intervenção militar em 1964 classificavam como “fase pré-revolucionária” da Doutrina da Guerra Revolucionária. Por mais que essa hipótese possa causar ataques de riso entre os acusados.

Como deve ter ficado claro na seção anterior deste artigo, a DGR concebe a atuação educacional como um dos espaços principais de atuação dos comunistas durante a “fase pré-revolucionária”. Nesse ponto em particular, multiplicam-se as referências entre educação e a chamada “Guerra Cultural”. Numa de suas muitas manifestações sobre o assunto, Eduardo Bolsonaro assim se colocou:

Vivemos numa guerra cultural e isto é a raiz de todos os problemas. Negar isso é negar a realidade ou demonstrar total ignorância sobre o cenário em que vivemos. Se quiser abrir seus olhos siga, veja os vídeos e leia Olavo de Carvalho @oproprilavo²⁵.

O astrólogo e autodenominado filósofo, referência intelectual e quase oficialmente “guru” do governo Bolsonaro, Olavo de Carvalho²⁶, não por acaso alerta a todo momento para a necessidade de atenção aos “perigos do comunismo”. A este

22 Trata-se da tentativa de provocar um incêndio na sede da produtora de vídeos de comédia veiculados pela internet como “Porta dos Fundos”. O ataque ocorreu na madrugada do dia 24 de dezembro de 2019 e sua autoria foi assumida por um grupo que se identificava como integralista e de orientação de ultradireita. Ver mais em: BARIFOUSE, Rafael, “O que se sabe sobre o atentado à sede do Porta dos Fundos”. **BBC**, 26 dez. 2019, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50919841>, visto por último em 29 jan. 2020.

23 O GLOBO. “Foragido assume autoria de ataque ao Porta dos Fundos e diz que pedirá asilo na Rússia”. 03 jan. 2020, Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/foragido-assume-autoria-de-ataque-ao-porta-dos-fundos-diz-que-pedira-asilo-na-russia-24171105>. Acesso em: 29 jan. 2020.

24 GONÇALVES, Eduardo. “Danças de zouk, aulas de russo e brigas no exterior: quem é Eduardo Fauzi”. **VEJA**, 03 jan. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/dancas-de-zouk-aulas-de-russo-e-brigas-no-exterior-quem-e-eduardo-fauzi>, visto por último em 28 jan. 2020.

25 TWITTER, @BolsonaroSP, BOLSONARO, Eduardo. 21 maio 2019. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1130770554154311680>. Acesso em: 03 mar. 2020.

26 Na ocasião da primeira viagem oficial do governo Bolsonaro aos Estados Unidos, até o Ministro da Economia Paulo Guedes disse a Olavo de Carvalho ser ele o “líder da revolução”, ver mais em: SOARES, Jussara: “‘Você é o líder da revolução’, diz Paulo Guedes a Olavo de Carvalho”. **O GLOBO**,

respeito, construiu mesmo uma leitura da história recente do Brasil a fim de esclarecer o porquê da ascensão do chamado “marxismo cultural”²⁷. Para Carvalho:

A grande ironia das duas décadas de governo militar foi que este, movendo céus e terras para liquidar a esquerda armada, nada fez contra a desarmada, mas antes a cortejou e protegeu, permitindo que ela assumisse o controle de todas as instituições universitárias, culturais e de mídia, fazendo daqueles vinte anos, alegadamente “de chumbo”, uma época de esfuziante prosperidade da indústria das idéias esquerdistas no Brasil²⁸.

Os humores de Olavo de Carvalho em relação à instituição universitária são complexos, misturando “teorias da conspiração” e frustrações pessoais²⁹. O guru-astrólogo e seus seguidores afirmam nada menos que o “comunismo intelectual” foi deliberadamente patrocinado pela Ditadura Militar “quando o governo Geisel deu sua virada à esquerda”, que “Nas universidades, a direita foi sistematicamente preterida na distribuição de verbas e cargos, que a generosidade insana do governo prodigalizava aos esquerdistas na ilusão de neutralizá-los ou seduzi-los”, e para sustentar sua hipótese, Olavo cita um acadêmico a quem apresenta como “um dos mais abalizados conhecedores da vida universitária no Brasil”, ninguém menos que o “venezuelano Ricardo Vélez Rodriguez” (sic)³⁰. A ler o artigo do “abalizado especialista”, encontramos mais teorias da conspiração:

Aconteceu, na seara da filosofia, estranho fenômeno de colonialismo cultural [...] Os fatos são simples: no período em que o

18 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/voce-o-lider-da-revolucao-diz-paulo-guedes-olavo-de-carvalho-23530572>. Acesso em: 03 mar. 2020.

- 27 O termo “marxismo cultural”, que pode ser depreendido facilmente da DGR, mas descende diretamente da expressão “Bolchevismo Cultural”, que foi uma construção da ultradireita nazista durante a década de 1920, do século XX, ver mais em: COSTA, Iná Camargo. “Marxismo cultural, um fantasma que ronda a História”. **OUTRAS PALAVRAS**, 04 out. 2019, Disponível em: <https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/marxismo-cultural-um-fantasma-que-ronda-a-historia>, visto por último em 03 mar. 2020; WIKIPÉDIA, “Marxismo Cultural”. 09 set. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolchevismo_cultural, visto por último em 03 mar. 2020.
- 28 CARVALHO, Olavo de. “Por que a direita sumiu”. 2 mar. 2012. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/por-que-a-direita-sumiu>. Acesso em: 03 mar. 2020.
- 29 Em uma ocasião em que foi indiciado pela polícia em função de uma seita que havia fundado, Olavo de Carvalho afirmou que tinha curso superior em Filosofia. Quando se mudou para os Estados Unidos, abriu uma escola de filosofia e afirmou em seu currículo que já havia sido professor na “Universidade Católica do Paraná”. Para seus seguidores no Brasil, afirmava até há pouco que tinha visto especial do governo estadunidense para pessoas com “habilidades extraordinárias”. Com a sua ascensão a “*persona mui grata*” após a posse do governo Bolsonaro, todavia, todas essas informações se revelaram falsas, ver mais em: DIMENSTEIN, Gilberto. “Guru de Bolsonaro abandonou escola na 8ª série do fundamental”. **CATRACA LIVRE**, 26 nov. 2018, Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/guru-de-bolsonaro-abandonou-escola-na-8a-serie-do-fundamental>. Acesso em: 20 fev. 2020; e DIMENSTEIN, Gilberto. “Vazam documentos do guru de Bolsonaro: green card está expirando”. **CATRACA LIVRE**, 27 maio 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/vazam-documentos-do-guru-de-bolsonaro-green-card-esta-expirando>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- 30 CARVALHO, 2012, *op. cit.* Na verdade, Vélez Rodrigues é colombiano; WIKIPÉDIA, Ricardo Vélez Rodriguez. 15 abr. 2020, https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_V%C3%A9lez_Rodr%C3%ADguez. Acesso em: 15 abr. 2020.

general Ruben Ludwig foi ministro da educação, ainda no ciclo militar, os antigos ativistas da Ação Popular Marxista-Leninista receberam, à sombra do padre Vaz, a diretoria dos conselhos da Capes e do CNPq, na área mencionada. *Especula-se* que o motivo da concessão fosse uma negociação política: eles prometiam abandonar a luta armada. [...] Os grupos da denominada “direita” [...] [ficaram] do lado de fora dos favores oficiais, no período militar e após³¹.

O artigo de Vélez Rodrigues faz afirmações contundentes de negociações realizadas nas altas esferas da ditadura militar sem apresentar qualquer prova, no máximo, um “especula-se”. Na sequência, elenca casos de vários cursos em nível de pós-graduação que foram fechados ao longo da década de 1990 e pouco depois e, sem maiores análises, sem citar absolutamente nada ou indicar qualquer fonte sobre as razões dos descredenciamentos, conclui que foi perseguição às ideias de direita. Esse “rigor científico”, do mesmo quilate dos textos de Olavo de Carvalho, pode até ter sido decisivo para sua posterior indicação ao Ministério da Educação³², mas estão longe de provar qualquer coisa. Todavia, se presta ao fim de ilustrar uma visão de mundo que põe a esquerda na ofensiva da famigerada “guerra cultural”. Essa mesma teoria conspiratória pode ser encontrada no vídeo “Brasil, entre armas e livros”³³, produzido pelo movimento cultural Olavista Brasil Paralelo³⁴. Nesta produção, que pretensamente se apresenta como um “documentário”, afirmam sem rodeios que a própria constituição de 1988 foi uma conquista da esquerda comunista que, entrincheirada nas universidades e meios de comunicação, logrou vencer a batalha narrativa e estabelecer no senso comum que “houve uma ditadura”, e que era necessária uma nova institucionalidade. Para os membros desse movimento e que falam no vídeo, a esquerda realizou seu projeto de poder e sociedade com a constituinte, os comunistas dominam a cultura,

31 RODRÍGUES, Ricardo Vélez. “Quem tem medo da filosofia brasileira?”. ECSB Defesa, Sd, <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020, grifo meu.

32 No momento em que foi demitido do cargo de Ministro da Educação, foi revelado por vários veículos da imprensa que Olavo de Carvalho sequer conhecia pessoalmente Ricardo Vélez Rodrigues, apenas havia lido alguns artigos: PRAGMATISMO POLÍTICO, “Bolsonaro diz que Olavo indicou Vélez baseado em ‘publicações aí’”. 03 jun. 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/06/bolsonaro-olavo-indicou-velez-publicacoes.html>, visto por último em 09 mar. 2020.

33 ZANINI, Fábio. “Filme sobre o golpe de 64 diz que militares perderam a batalha das ideias”, **FOLHA DE SÃO PAULO**. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/01/filme-sobre-o-golpe-de-64-diz-que-a-direita-perdeu-a-batalha-das-ideias>. Acesso em: 09 mar. 2020. O filme pode ver visto em: www.youtube.com, BRASIL PARALELO. “O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)”. **Canal Gazeta da semana**, 04 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rctpKPhivek>. Acesso em: 09 mar. 2020.

34 Não encontramos fontes acadêmicas sobre o movimento Brasil Paralelo, a melhor fonte explicativa que encontramos é o artigo publicado pela Folha de São Paulo, cujo link se encontra a seguir: ZANINI, Fábio. “Produtora Brasil Paralelo revisa a história em filmes e livros com visão de direita”. **FOLHA DE SÃO PAULO**, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>. Acesso em: 09 mar. 2020.

a educação e o serviço público, e as forças da liberdade precisam reverter essa vantagem estratégica da esquerda.

Não por acaso, durante a campanha eleitoral de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro tenha sido o que mais fez referências a essa que é a estrela das promessas de campanha: a educação. Mas não abordou esse serviço público essencial como algo que deva ser melhorado e valorizado, e sim como um mal que se deve combater. No processo de formação da equipe de governo, Bolsonaro chegou a considerar um privatista ligado às perspectivas mercadológicas da educação para o Ministério, mas terminou por acatar a sugestão de Olavo de Carvalho por Ricardo Vélez Rodríguez. A gestão do colombiano foi um fiasco, sem qualquer capacidade de execução, o ministério navegou à deriva e só não foi esquecido por conta das confusões quase diárias protagonizadas pelo quixotesco olavete³⁵. Quando finalmente caiu, a opção ideológica continuou falando mais alto e, para o lugar de Vélez, foi indicado outro olavista: o economista Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub³⁶. Do ponto de vista ideológico, a mudança de Vélez por Weintraub significou o que popularmente se diz “trocar seis por meia dúzia”. Para o “guru” do governo, “Trocaram um pseudo olavete por um verdadeiro olavete”³⁷. O novo ministro sempre foi loquaz em frases de efeito: “O socialista é a Aids; e o comunista, a doença oportunista”³⁸, “Os comunistas estão no topo do país. Eles são o topo das organizações financeiras. Eles são os donos dos jornais. Eles são os donos das grandes empresas. Eles são os donos dos monopólios”³⁹.

Enquanto candidato, Bolsonaro insistiu reiteradamente na necessidade de implementar o programa do “Movimento Escola Sem Partido”⁴⁰, que combateria a suposta doutrinação ideológica nas escolas. Todavia, em seu primeiro ano de governo, as condições para a aprovação do famigerado projeto de lei não se apre-

35 BASILIO, Ana Luiza. “Relembre as polêmicas e confusões de Ricardo Vélez frente ao MEC”. CARTA CAPITAL, 08 abr. 2019. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/relembre-as-polemicas-e-confusoes-de-ricardo-velez-frente-ao-mec>. Acesso em: 29 jan. 2020.

36 WIKIPÉDIA, “Abraham Weintraub”. 19 abr. 2019, Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Weintraub. Acesso em: 10 abr. 2020.

37 JOÃO FILHO. “Por dentro da paranoia olavista do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub”, **THE INTERCEPT**. 14 abr. 2019. <https://theintercept.com/2019/04/14/mec-olavo-weintraub-educacao-comunismo>. Acesso em: 29 jan. 2020.

38 TWITTER. @e_vire, Ordem e progresso vire a direita, 8 abr. 2019. Disponível em: https://twitter.com/search?q=%E2%80%9COCO%20socialista%20%C3%A9%20a%20Aids%3B%20e%20o%20comunista%2C%20a%20doen%C3%A7a%20oportunist%20e%20%9D&src=typed_query, Acesso em: 29 jan. 2020.

39 JOÃO FILHO, 2019, *op. cit.* Essa estranha associação do comunismo com os grandes grupos econômicos está relacionada também a outras teorias da conspiração exaltadas por Olavo de Carvalho e pela família Bolsonaro, em especial do chamado “globalismo” e da “religião biônica mundial”. De acordo com essas teorias da conspiração, um bloco comunista, contraditoriamente formado pelos detentores das maiores fortunas do mundo, estaria empenhado em acabar com a cultura judaico-cristã, criar uma religião biônica mundial e implantar um governo comunista global. Sobre o conteúdo dessas teorias da conspiração, recomendo o livro escrito pelo grupo meteoro: METEORO BRASIL. “Tudo o que você desaprendeu para virar um idiota”. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

40 O Movimento Escola Sem Partido, Criado pelo procurador Miguel Nagib, se propõe a combater uma suposta “doutrinação esquerdista” existente na educação brasileira. O movimento, de características fortemente conservadoras, recebeu apoio entusiasmado dos movimentos da nova direita e da família Bolsonaro. Para saber mais, ver: DOSSIÊ ESCOLA SEM PARTIDO, Escola Politécnica de Saúde

sentaram, o que não impediu que, com a ajuda de Weintraub, fosse travada uma guerra particularmente contra as Universidades e Institutos Federais. Foram feitos radicais contingenciamentos⁴¹, interferência na indicação de cargos de direção⁴², nas nomeações⁴³ e nas regras para eleição de reitores,⁴⁴ entre outras medidas. Ao iniciar-se o ano de 2020, a mensagem não podia ser outra, o desafio neste novo ano é: “combater os oligarcas, os corruptos e a área ideológica socialista comunista”.⁴⁵ Algumas frases, obviamente, remetem à DGR:

Durante o século XX, mais da metade das pessoas do mundo viveram sob alguma forma de terror. Hoje, a América do Sul, e o Brasil em particular, faz parte do espaço vital de uma estratégia clara para a tomada de poder por grupos totalitários socialistas e comunistas. Eu não acreditava nisso. Achava que era teoria da conspiração. Todavia, está tudo documentado! O Foro de São Paulo é uma realidade! As FARC eram convidadas de honra. O crack foi introduzido no Brasil de caso pensado. Vejam os arquivos, está na internet!⁴⁶

Tal como o seu antecessor, a gestão de Weintraub também foi marcada por contestações. As sucessivas declarações polêmicas do ministro criaram problemas inclusive para o andamento da pauta econômica. De acordo com o Presidente da Câmara dos Deputados Rodrigo Maia: “como que faz para o investidor olhar que o Brasil tem um ministro da Educação desse? Nosso país não tem futuro, né? Não tem futuro. Parece um passado ruim, porque conseguiu fazer de um cara des-

Joaquim Venâncio. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dossie/escola-sem-partido>. Acesso em: 23 abr. 2020.

- 41 TENENTE, Luiza; FIGUEIREDO, Patricia. “Entenda o corte de verbas das universidades federais e saiba como são os orçamentos das 10 maiores”. **G1**. 15 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- 42 SADI, Andreia. Decreto dá a Santos Cruz poder de avaliar até nomeação de reitores de universidades federais. **G1**. 16 maio 2019. <https://g1.globo.com/politica/blog/andrea-sadi/post/2019/05/16/decreto-da-a-santos-cruz-poder-de-avaliar-ate-nomeacao-de-reitores-de-universidades-federais.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- 43 MORENO, Ana Carolina. “Governo interveio em 6 de 12 nomeações de Reitores de Universidades Federais até agosto”. **G1**. 31 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/08/31/governo-intervio-em-6-de-12-nomeacoes-de-reitores-de-universidades-federais-ate-agosto.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- 44 BRANDÃO, Marcelo. “MP muda forma de nomeação de reitores de universidades e IFs”. **AGÊNCIA BRASIL**. 26 dez. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-12/mp-muda-forma-de-nomeacao-de-reitores-de-universidades-e-ifs>. Acesso em: 29 jan. 2020.
- 45 TWITTER, @AbrahamWeint, WEINTRAUB, Abraham, 05 jan. 2020. Disponível em: https://twitter.com/search?q=Voltei%2C%20pronto%20para%20a%20batalha%2C%20e%20conto%20com%20a%20ajuda%20de%20todos%20voc%C3%AAs!%202030%20promete%20ser%20um%20exce-lente%20ano!&src=typed_query. Acesso em: 29 jan. 2020.
- 46 NOVA ESCOLA. “O que pensa Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação”. 09 abr. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16854/o-que-pensa-abraham-weintraub-o-novo-ministro-da-educacao>. Acesso em: 29 jan. 2020.

se o ministro da Educação⁴⁷. Mesmo setores que apoiaram ativamente a candidatura de Bolsonaro, como o Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, pressionaram pela saída do Ministro da Educação⁴⁸. O Ministro da Educação, todavia, apesar de todas os apelos pela demissão, das sucessivas declarações infelizes, dos erros de português⁴⁹ e do mau desempenho na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁵⁰, seguiu sendo um dos ministros mais próximos ao presidente até o momento em que, ameaçado por inquéritos em andamento do STF, foi enfim demitido do cargo de Ministro da Educação e nomeado para outro no Banco Mundial, em Washington, nos Estados Unidos. No momento da demissão de Weintraub, o ingresso de brasileiros em território estadunidense estava proibido como parte das medidas de combate à epidemia de Covid 19 naquele país, todavia havia a brecha para cidadãos investidos em funções diplomáticas. Com essa brecha, o ex-ministro conseguiu escapar, ao menos temporariamente, às consequências dos inquéritos nos quais é investigado⁵¹. O tormentoso processo de nomeação de novo titular para a pasta da educação transcende ao objeto deste artigo.

Ainda dentro do que se considera parte da primeira fase da Guerra Revolucionária, a cultura também foi outro setor duramente atacado na guerra da família Bolsonaro contra o comunismo. Ainda em 2018, o pré-candidato dizia: “Nós vamos extinguir o Ministério da Cultura e teremos apenas uma secretaria para tratar do assunto. Hoje em dia, o Ministério da Cultura é apenas centro de negociações da Lei Rouanet”⁵². Ainda antes de assumir, o fim do Ministério da Cultura foi sacramentado⁵³, em seu lugar, foi criada uma “Secretaria de Cultura”, que passou

-
- 47 CONVERSA AFIADA. “Maia diz que Weintraub atrapalha investimentos no Brasil”. 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/maia-diz-que-weintraub-atrapalha-investimentos-no-brasil>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- 48 ISTO É. “Em nota, MBL pede saída de Weintraub”. 28 jan. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/em-nota-mbl-pede-saida-de-weintraub>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- 49 SANTOS, Carolina. “11 erros do ministro da Educação que você não pode cometer no Enem”. **UOL**. 15 out. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/10/15/veja-erros-do-ministro-da-educacao-que-voce-nao-pode-cometer-no-enem.htm>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- 50 G1. “Erro na correção do ENEM 2019: relembre histórico de problemas da prova, que inclui vazamentos e gabarito errado. 20 jan. 2020. <https://g1.globo.com/educacao/enem/2019/noticia/2020/01/20/erro-na-correcao-do-enem-2019-relembre-historico-de-problemas-da-prova-que-inclui-vazamentos-e-gabarito-errado.ghtml>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- 51 Weintraub chegou a prestar depoimento em dois inquéritos no STF, um deles motivado por afirmações feitas em reunião ministerial em 22 de abril de 2020. Em uma polêmica frase disse: “Por mim botava esses vagabundos todos na cadeia, começando no STF”, em seu depoimento, o então ministro ficou em silêncio. Em outro processo, é investigado por ofensa racista aos chineses. Numa publicação usa o personagem Cebolinha para ironizar o sotaque oriental e acusar o governo chinês em usar a Covid 19 para conquistar o mundo. Em depoimento, afirmou que apenas utilizou “de humor”. O ex-ministro também está implicado em inquérito que investiga a organização de manifestações antidemocráticas. Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/18/os-embates-e-ataques-de-weintraub.htm?cmpid=copiaecola>, visto por último em 26 jun, 2020.
- 52 BOREKI, Vinicius. “Bolsonaro defende a extinção do Ministério da Cultura”. **UOL**. 29 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/03/29/bolsonaro-defende-a-extincao-do-ministerio-da-cultura.htm>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- 53 FERNANDES, Talita; MARQUES, José. “Bolsonaro extingue Cultura e Esportes e deixa ministérios de Mulheres e Direitos Humanos para depois”. **FOLHA DE SÃO PAULO**, 28 nov. 2018, Disponível

por vários ministérios⁵⁴ e teve vários titulares. As implicações com a lei Rouanet (BRASIL, 1991) são bem insistentes por parte da base Bolsonarista. Curiosamente, essa mesma lei, que foi sancionada em 1991 pelo ex-presidente nada esquerdista Fernando Collor de Melo, sempre recebeu críticas dos setores mais engajados à esquerda dos movimentos culturais. O maior problema apontado por estes está na permissão para que grandes empresas escolham quem patrocinar com parte do imposto de renda pago e direcionem o investimento para grandes eventos como forma de auferir lucros com uma publicidade (que no final sai gratuita), mantendo no limbo as produções que realmente necessitam de estímulo. A Lei Rouanet entrou no radar da ultradireita em 2017, ocasião em que o MBL denunciou a exposição “*Queermuseu*”, em Porto Alegre, por supostamente fazer apologia da pedofilia. As denúncias foram imediatamente refutadas pelo meio artístico, mas a base bolsonarista, percebendo a ressonância desse tipo denúncia, nunca mais deixou de citá-la. Mais ainda, porque desde o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, setores expressivos das categorias artísticas problematizaram as informações contraditórias com que a imprensa majoritária tratou esse processo e essa postura engajada permaneceu durante o impopular governo de Michel Temer e o que lhe sucedeu. Em função disso, é até cômodo acusar a cultura de “antro de comunistas” e acusar artistas consagrados de se beneficiarem da lei Rouanet, ainda quando muitos desses se posicionem abertamente por mudanças nessa lei.

Uma das personalidades mais atacadas foi a atriz Fernanda Montenegro, por sua postura de oposição ao governo Bolsonaro e em defesa dos movimentos sociais. Em setembro de 2019, o até então pouco conhecido Roberto Alvim⁵⁵, ex-diretor de teatro de ideias progressistas, mas que então havia se tornado um defensor do obscurantismo bolsonarista e ocupava então a direção de Centro de Artes Cênicas da Funarte, desferiu violento ataque à diva do teatro e da televisão: “acusou Fernanda de mentirosa, além de expor meu desprezo por ela, oriundo de sua deliberada distorção abjeta dos fatos”⁵⁶. Embora as declarações de Alvim tenham sido contestadas em inúmeras manifestações na sociedade civil, o eco de suas palavras na base do governo Bolsonaro lhe valeu promoção para titular da Secre-

em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-extingue-cultura-e-esportes-e-deixa-ministerios-de-mulheres-e-direitos-humanos-para-depois.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

54 *Idem*.

55 WIKIPEDIA, “Roberto Alvim”, 22 abr. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Alvim. Acesso em: 22 abr. 2020.

56 FOLHA DE SÃO PAULO. “Apoiador de Bolsonaro, dramaturgo Roberto Alvim ataca Fernanda Montenegro”. 22 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/apoiador-de-bolsonaro-dramaturgo-roberto-almiv-critica-fernanda-montenegro-e-fala-em-desprezo-pela-atriz.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

taria da Cultura⁵⁷. No pouco tempo em que esteve no cargo, Alvim se notabilizou por confrontos com os opositores do governo e nomeações polêmicas. Ainda em novembro, interrompeu um palestrante que fazia críticas ao governo Bolsonaro aos gritos de “canalha”, durante a Conferência Internacional das Línguas Portuguesa e Espanhola, realizada na cidade de Lisboa⁵⁸. Também provocou apaixonadas reações ao nomear para a Fundação Palmares o jornalista Sérgio Nascimento Camargo, que sendo negro, chocou desde a esquerda até a direita ao se revelar um negacionista do racismo e até mesmo tecer sutis elogios ao passado escravista do Brasil⁵⁹. Para a Presidência da Funarte, foi nomeado o maestro Dante Mantovani, que para espanto mundial afirmou que os Beatles eram ferramentas do comunismo para destruir a família americana⁶⁰, e que “O rock and roll ativa a droga, que ativa o sexo, que ativa a indústria do aborto”⁶¹. Para a presidência da Biblioteca Nacional, o aluno de Olavo de Carvalho, Rafael Nogueira, adepto de distorções históricas e teorias da conspiração, em suas redes sociais faz afirmações do tipo “Livros didáticos estão cheios de músicas de Caetano Veloso, Gabriel O Pensador, Legião Urbana. Depois não sabem por que está todo mundo analfabeto”⁶². Até o momento em que este texto é escrito Nogueira e Camargo permanecem ainda em seus cargos, o mesmo não se pode dizer de Alvim e Mantovani. O primeiro, após gravar um vídeo parodiando e copiando o estilo do Ministro da Propaganda nazista Joseph Goebbels e gerar protestos generalizados, teve sua permanência no cargo inviabilizada. E para o lugar do outrora tonitruante secretário foi nomeada a atriz Regina Duarte⁶³, que se encarregou de demitir Dante Mantovani⁶⁴, mas poucas semanas, após ser alvo de duras críticas tanto de opositores do governo

57 FOLHA DE SÃO PAULO. “Bolsonaro nomeia dramaturgo Roberto Alvim para comando da Secretaria de Cultura”. 07 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/bolsonaro-nomeia-dramaturgo-roberto-almim-para-comando-da-secretaria-de-cultura.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

58 CHADE, Jamil. “Na Europa, secretário de Bolsonaro chama palestrante de canalha e bate boca”. UOL, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2019/11/24/na-europa-secretario-de-bolsonaro-chama-palestrante-de-canalha-e-bate-boca.htm>. Acesso em: 11 mar. 2020.

59 G1. “Novo presidente da fundação Palmares minimiza racismo no Brasil em post; entidades criticam”. 28 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/28/novo-presidente-da-fundacao-palmares-minimiza-racismo-no-brasil-em-post.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

60 ROLLINGSTONE/UOL. “Os Beatles foram invenção socialista para fazer garotas abortarem, diz novo presidente da Funarte”. 02 dez. 2019. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/os-beatles-foram-invencao-socialista-para-fazer-garotas-americanas-abortarem-diz-novo-presidente-da-funarte>. Acesso em: 13 mar. 2020.

61 CALIXTO, Larissa. “As teorias do novo presidente da Funarte sobre o rock”. CONGRESSO EM FOCO, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/congresso-em-foco/as-teorias-do-novo-presidente-da-funarte-sobre-o-rock>. Acesso em: 11 mar. 2020.

62 SMITH, Manoella; MOLINERO, Bruno. “Presidente da Biblioteca Nacional associa Caetano Veloso ao analfabetismo”. FOLHA DE SÃO PAULO, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/presidente-da-biblioteca-nacional-associa-caetano-veloso-ao-analfabetismo.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

63 EXAME. “Regina Duarte aceita convite de Bolsonaro para Secretaria da Cultura”. 29 jan. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/regina-duarte-aceita-convite-de-bolsonaro-para-secretaria-da-cultura>. Acesso em: 11 mar. 2020.

64 NIKLAS, Jan. “Regina Duarte aceita convite de Bolsonaro para Secretaria da Cultura”. O GLOBO, 04 mar. 2020, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/regina-duarte-aceita-convite-assumira-secretaria-da-cultura-24218151>. Acesso em: 23 abr. 2020.

quanto da chamada ala ideológica, acabou sendo substituída pelo também ator Mário Frias, ferrenho defensor do bolsonarismo.

Para justificar o tipo de Estado que se implementou no pós-1964, os militares que se colocaram à frente do Golpe, assim como todos os seus defensores, enfatizaram a suposta presença de comunistas em todos os lugares. Só assim se podia apresentar a deposição de João Goulart como um ato defensivo, e não ofensivo. Nos dias atuais, para espanto de muitos, os comunistas voltam a ser apresentados como um perigo para a sociedade. Teorias da conspiração, como o alegado caráter subversivo do “Foro de São Paulo”⁶⁵, o suposto caráter revolucionário dos governos do PT, que levou Eduardo Bolsonaro a afirmar inclusive que o Brasil não voltaria a ser “socialista”⁶⁶. A disposição assumida em impedir a ocupação de qualquer espaço pela chamada “esquerda” levou o governo a inúmeras situações polêmicas. Entre estas podemos citar o veto da cientista política Ilona Szabó para a suplência do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCP)⁶⁷, a recusa do governo em nomear o reitor mais votado em pelo menos metade das universidades simplesmente por serem de “esquerda”⁶⁸, o esvaziamento dos conselhos com participação da sociedade civil que, nas palavras de Bolsonaro seriam: “entidades aparelhadas politicamente usando nomes bonitos para impor suas vontades”⁶⁹, a contínua referência depreciativa às Organizações Não Governamentais.⁷⁰

A interpretação de que os comunistas estão ocupando os espaços da sociedade civil levam amiúde a afirmações que bem poderiam figurar em um site de humor político, como a de que a gestão anterior da Fundação Nacional do Índio (Fu-

65 Para uma apresentação contextualizada das teorias da conspiração envolvendo o Foro de São Paulo, remetemos ao trabalho do grupo Meteoro: METEORO, 2019, *op. cit.*, capítulo 21.

66 MELO, Karine. “Nunca mais seremos um país socialista, diz Eduardo Bolsonaro”. **AGÊNCIA BRASIL**, 01 dez. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2018-12/nunca-mais-seremos-um-pais-socialista-diz-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 14 mar. 2020.

67 CANDIDO, Marcos. “Única mulher do conselho: quem é Ilona Szabó, vetada no governo Bolsonaro”. **UNIVERSA**, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/01/unica-mulher-do-conselho-quem-e-illona-szabo-vetada-no-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 14 mar. 2020.

68 SAYURI, Juliana. “Bolsonaro já interveio em metade das universidades federais que tiveram eleições para a reitoria”. **THE INTERCEPT**, 02out. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/03/bolsonaro-universidades-reitores>. Acesso em: 14 mar. 2020.

69 TWITTER. @jairbolsonaro. BOLSONARO. Jair M. 14 abr. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1117441294048071682>. Acesso em: 14 mar. 2020.

70 São muitas as manifestações hostis de Bolsonaro ao terceiro setor. A título de ilustração, podemos nos remeter a alguns casos de maior repercussão, como a acusação de que ONGs estariam por trás das queimadas na Amazônia: MAZUI, Guilherme. “Bolsonaro diz que ONGs podem estar por trás de queimadas na Amazônia para ‘chamar a atenção’ contra o governo”. **G1**, 21 ago. 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/bolsonaro-diz-que-ongs-podem-estar-por-tras-de-queimadas-na-amazonia-para-chamar-atencao-contra-o-governo.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2020.; ou o ataque ao Green Peace: GALVANI, Giovanna. “Bolsonaro chama ONG de ‘lixo’ ao ser questionado sobre Conselho da Amazônia”. **CARTA CAPITAL**, 13 fev. 2020. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-chama-ong-de-lixo-ao-ser-questionado-sobre-conselho-da-amazonia>. Acesso em: 14 mar. 2020.

nai) se caracterizou por um tipo de “antropologia trotskista”⁷¹, ou que os Conselhos com participação da sociedade civil eram “Soviets do PT”⁷², mas afirmações como estas são feitas diariamente por pessoas que realmente acreditam no que estão dizendo. Na ótica da DGR, portanto, embora o governo federal esteja ocupado por partidos e movimentos de extrema direita, o comunismo é apresentado como algo que estranhamente “está em todo o lugar”.

As teorias da conspiração, ontem e hoje

Mesmo aliados do governo Bolsonaro no legislativo e na grande mídia têm procurado se distanciar e marcar posição criticamente em relação a seus posicionamentos ideológicos. Mesmo aqueles que exaltam com certo exagero os “êxitos econômicos” do primeiro ano de governo não têm poupado críticas à política do governo federal para a educação e cultura. Todavia, em seus posicionamentos públicos, justamente essas áreas parecem ser prioritárias para o presidente.

Como visto, a DGR desconsiderava as diferenças e mesmo as disputas viscerais que, na década de 1960, ocorriam no seio dos movimentos de esquerda. Atribuía uma atuação concertada em todas elas e prescrevia um duro combate a qualquer ação que pudesse ser colocada dentro destas cinco etapas. A generalidade do esquema permitia atribuir a qualquer movimento a qualidade de movimento preparatório desta ou daquela etapa. No ambiente da Guerra Fria e num contexto de intervenções militares, luta anticolonial e golpes de Estado, a DGR existia em seu tempo histórico. Nos dias atuais, tais ideias deveriam fazer parte de um museu de ideias a serem esquecidas, mas muito pelo contrário, vivemos um tempo em que teorias fantásticas e proposições abertamente anticientíficas, tais como o terraplanismo e o movimento antivacinas, estão em seu auge.

O governo Bolsonaro, mais do que qualquer outro desde Hitler na Alemanha nazista, é permeado por várias teorias da conspiração. E se estas não são propriamente fenômenos recentes, é inegável que nos últimos anos, com a popularização da internet e o advento das redes sociais, ganharam um impulso sem precedentes. Em seu tempo, a DGR cumpriu os requisitos gerais de uma poderosa teoria da conspiração: argumentações simplificadoras, ausência de comprovações empíricas e de método científico, hostilidade às argumentações contrárias e grande dose

71 BORGES, André. “Funai cita ‘antropologia trotskista’ para vetar visita a terra indígena”. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,funai-cita-antropologia-trotskista-para-vetar-visita-a-terra-indigena,70003185081>. Acesso em: 14 mar. 2020.

72 TWITTER. @republica_ctba, República de Curitiba. “Bolsonaro assina decreto que deve acabar com os ‘soviets’ do PT”. 13 abr. 2019, disponível em: https://twitter.com/republica_ctba/status/1117099731623215104. Acesso em: 14 mar. 2020.

de convicção. Foi usada para mobilizar os militares e uma parte da sociedade civil contra um presidente legítimo. Nos dias atuais, essa doutrina parece animar outro presidente a declarar guerra ao seu povo. Sabemos o resultado da difusão da DGR entre oficiais militares e políticos da oposição direitista a João Goulart, mas qual será a consequência da permanência destes pressupostos e afirmações vazias de cientificidade totalmente descoladas de seu contexto?

Mais do que nunca, urge recorrer à história e ao conhecimento, entrar definitivamente nesta guerra DE IDEIAS, e derrotar de vez o ódio e o obscurantismo. Nunca antes em nossas vidas, a civilização dependeu tão grandemente de luzes.

Referências Bibliográficas

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Ação política e Golpe de Estado. Petrópolis – RJ, Vozes, 1981.

GORENDER, Jacob, **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática: 1998.

MAZZEO, Antônio Carlos. **Sinfonia inacabada**: a política dos comunistas no Brasil. Marília: Unesp-Marília-Publicações, São Paulo, Boitempo, 1999.

METEORO BRASIL. “Tudo o que você desaprendeu para virar um idiota”. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

PINTO, Bilac. **Guerra revolucionária**. Guanabara: Companhia Forense, 1964.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

SILVA, Hélio, **Golpe ou contragolpe?** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975

TENDLER, Silvio, DIAS, Maurício. Jango. Revista suplemento ao filme. Porto Alegre, L&PM, 1984.

VINHAS, Moisés. **O partido**: a luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: HUCITEC, 1982.

Artigos científicos:

CARVALHO, Olavo de. “Por que a direita sumiu”. 2 mar. 2012. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/por-que-a-direita-sumiu>. Acesso em: 03 mar. 2020.

COSTA, Iná Camargo. “Marxismo cultural, um fantasma que ronda a História”. **OUTRAS PALAVRAS**, 04 out. 2019, Disponível em: <https://outraspalavras.net/historia-e-memoria/marxismo-cultural-um-fantasma-que-ronda-a-historia>. Acesso em: 03 mar. 2020;

MARTINS FILHO, João Roberto. A influência doutrinária francesa sobre os militares brasileiros nos anos de 1960. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 39-50, Jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000200004>.

RODRÍGUES, Ricardo Vélez. “Quem tem medo da filosofia brasileira?”. **ECSB Defesa**, Sd, <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/QTMFB.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

Documentos:

BRASIL, Estado Maior da Forças Armadas. **Aspectos da Guerra Contemporânea - a Guerra Revolucionária** - ESG, C-20-69, 1969.

BRASIL, Presidência da República, Estado Maior da Forças Armadas. **Conceituação de Guerra insurrecional, Guerra Revolucionária, Subversão (Guerra Subversiva), Ação Psicológica, Guerra Psicológica e Guerra Fria**, 1ª edição, EMFA, 1961, FA-E-01/61

FRAGOSO, Augusto, **Introdução ao Estudo da Guerra Revolucionária**. C-85-59, reservado. Departamentos de Estudos da ESG, Rio de Janeiro, 1959.

Verbetes:

BENEVIDES, Maria Vitória. “UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL (UDN)”, **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB**. Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>. Acesso em: 27 jan. 2020.

LAMARÃO, Sérgio. “Grupos dos onze”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB**. Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/grupos-dos-onze>. Acesso em: 28 jan. 2020.

PAULA, Cristiane Jalles de. “O segundo mandato na vice-presidência e a crise sucessória”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – DHBB**. Verbetes disponíveis em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/VicePresidente-Janio/O_segundo_mandato_e_a_crise_sucessoria. Acesso em: 27 jan. 2020.

RAMOS, Plínio de Abreu, “PINTO, Bilac”. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (DHBB)**. Verbetes disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/olavo-bilac-pereira-pinto>. Acesso em: 27 jan. 2020.

WIKIPÉDIA, “Abraham Weintraub”. 19 abr. 2019, Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Weintraub. Acesso em: 10 abr. 2020.

WIKIPÉDIA, “José Antonio Kast”. 24 dez. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Antonio_Kast. Acesso em: 19 jan. 2020.

WIKIPÉDIA, “Marxismo Cultural”. 09 set. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolchevismo_cultural. Acesso em: 03 mar. 2020.

WIKIPEDIA, “Roberto Alvim”. 22 abr. 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Alvim. Acesso em: 22 abr. 2020.

WIKIPÉDIA, Ricardo Vélez Rodríguez. 15 abr. 2020, https://pt.wikipedia.org/wiki/Ricardo_V%C3%A9lez_Rodr%C3%ADguez. Acesso em: 15 abr. 2020.

WIKIPÉDIA. “Estado-Maior do Exército (Brasil)”. 14 abr. 2019, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-Maior_do_Ex%C3%A9rcito_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-Maior_do_Ex%C3%A9rcito_(Brasil)). Acesso em 27 jan. 2020.

Legislações:

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 7.716, 5 jan. 1989, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 27 jan. 2020.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. “LEI Nº 8.313, 23/12/1991. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8313cons.htm. Acesso em: 11 mar. 2020.

BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS. PL 5358/2016, 23 jan. 2016, 2016a. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2085411>. Acesso em: 27 jan. 2020.

BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS. PL 5358/2016, 23 jan. 2016, 2016b. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=425386655F0EA16279B9B5BDC325BC2B.proposicoesWebE-externo1?codteor=1460579&filename=PL+5358/2016. Acesso em: 27 jan. 2020.

Reportagens:

BARIFOUSE, Rafael, “O que se sabe sobre o atentado à sede do Porta dos Fundos”. **BBC**, 26 dez. 2019, disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50919841>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BASILIO, Ana Luiza. “Relembre as polêmicas e confusões de Ricardo Vélez frente ao MEC”. **CARTA CAPITAL**, 08 abr. 2019. <https://www.cartacapital.com.br/educacao/relembre-as-polemicas-e-confusoes-de-ricardo-velez-frente-ao-mec>. Acesso em: 29 jan. 2020.

BOREKI, Vinicius. “Bolsonaro defende a extinção do Ministério da Cultura”. **UOL**. 29 mar. 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/03/29/bolsonaro-defende-a-extincao-do-ministerio-da-cultura.htm>. Acesso em: 31 jan. 2020.

BORGES, André. “Funai cita ‘antropologia trotskista’ para vetar visita a terra indígena”. **O ESTADO DE SÃO PAULO**, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,funai-cita-antropologia-trotskista-para-vetar-visita-a-terra-indigena,70003185081>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BRANDÃO, Marcelo. “MP muda forma de nomeação de reitores de universidades e IFs”. **AGÊNCIA BRASIL**. 26 dez. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-12/mp-muda-forma-de-nomeacao-de-reitores-de-universidades-e-ifs>. Acesso em: 29 jan. 2020.

CALIXTO, Larissa. “As teorias do novo presidente da Funarte sobre o rock”. **CONGRESSO EM FOCO**, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/congresso-em-foco/as-teorias-do-novo-presidente-da-funarte-sobre-o-rock/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

CANDIDO, Marcos. “Única mulher do conselho: quem é Ilona Szabó, vetada no governo Bolsonaro”. **UNIVERSA**, 1 mar. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/01/unica-mulher-do-conselho-quem-e-illona-szabo-vetada-no-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 14 mar. 2020.

CHADE, Jamil. “Na Europa, secretário de Bolsonaro chama palestrante de canalha e bate boca”. **UOL**, 24 nov. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2019/11/24/na-europa-secretario-de-bolsonaro-chama-palestrante-de-canalha-e-bate-boca.htm>. Acesso em: 11 mar. 2020.

CONVERSA AFIADA. “Maia diz que Weintraub atrapalha investimentos no Brasil”. 30 jan. 2020. Disponível em: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/maia-diz-que-weintraub-atrapalha-investimentos-no-brasil>. Acesso em: 31 jan. 2020.

DIMENSTEIN, Gilberto. “Guru de Bolsonaro abandonou escola na 8ª série do fundamental”. **CATRACA LIVRE**, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/guru-de-bolsonaro-abandonou-escola-na-8a-serie-do-fundamental>. Acesso em: 20 fev. 2020.

DIMENSTEIN, Gilberto. “Vazam documentos do guru de Bolsonaro: green card está expirando”. **CATRACA LIVRE**, 27 maio 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/vizam-documentos-do-guru-de-bolsonaro-green-card-esta-expirando>. Acesso em: 20 fev. 2020.

DOSSIÊ ESCOLA SEM PARTIDO, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/dossie/escola-sem-partido>. Acesso em: 23 abr. 2020.

EXAME. “Regina Duarte aceita convite de Bolsonaro para Secretaria da Cultura”. 29 jan. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/regina-duarte-aceita-convite-de-bolsonaro-para-secretaria-da-cultura>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FERNANDES, Talita; MARQUES, José. “Bolsonaro extingue Cultura e Esportes e deixa ministérios de Mulheres e Direitos Humanos para depois”. **FOLHA DE SÃO PAULO**, 28 nov. 2018, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/bolsonaro-extingue-cultura-e-esportes-e-deixa-ministerios-de-mulheres-e-direitos-humanos-para-depois.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Apoiador de Bolsonaro, dramaturgo Roberto Alvim ataca Fernanda Montenegro”. 22 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/apoiador-de-bolsonaro-dramaturgo-roberto-alvim-critica-fernanda-montenegro-e-fala-em-desprezo-pela-atriz.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Bolsonaro nomeia dramaturgo Roberto Alvim para comando da Secretaria de Cultura”. 07 nov. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/11/bolsonaro-nomeia-dramaturgo-roberto-alvim-para-comando-da-secretaria-de-cultura.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

G1. “Erro na correção do ENEM 2019: relembre histórico de problemas da prova, que inclui vazamentos e gabarito errado. 20 jan. 2020. <https://g1.globo.com/educacao/enem/2019/noticia/2020/01/20/erro-na-correcao-do-enem-2019-relembre-historico-de-problemas-da-prova-que-inclui-vazamentos-e-gabarito-errado.ghtml>. Acesso em: 31 jan. 2020.

G1. “Novo presidente da fundação Palmares minimiza racismo no Brasil em post; entidades criticam”. 28 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/11/28/novo-presidente-da-fundacao-palmares-minimiza-racismo-no-brasil-em-post.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GALVANI, Giovanna. “Bolsonaro chama ONG de ‘lixo’ ao ser questionado sobre Conselho da Amazônia”. **CARTA CAPITAL**, 13 fev. 2020. <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-chama-ong-de-lixo-ao-ser-questionado-sobre-conselho-da-amazonia>. Acesso em: 14 mar. 2020.

GONÇALVES, Eduardo. “Danças de zouk, aulas de russo e brigas no exterior: quem é Eduardo Fauzi”. **VEJA**, 03 jan. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/dancas-de-zouk-aulas-de-russo-e-brigas-no-exterior-quem-e-eduardo-fauzi>. Acesso em: 28 jan. 2020.

ISTO É. “Em nota, MBL pede saída de Weintraub”. 28 jan. 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/em-nota-mbl-pede-saida-de-weintraub>. Acesso em: 31 jan. 2020.

JOÃO FILHO. “Por dentro da paranoia olavista do novo ministro da Educação, Abraham Weintraub”, **THE INTERCEPT**. 14 abr. 2019. <https://theintercept.com/2019/04/14/mec-olavo-weintraub-educacao-comunismo>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MAZUI, Guilherme. “Bolsonaro diz que ONGs podem estar por trás de queimadas na Amazônia para ‘chamar a atenção’ contra o governo”. **G1**, 21 ago. 2019. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/21/bolsonaro-diz-que-ongs-podem-estar-por-tras-de-queimadas-na-amazonia-para-chamar-atencao-contra-o-governo.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MELO, Karine. “Nunca mais seremos um país socialista, diz Eduardo Bolsonaro”. **AGÊNCIA BRASIL**, 01 dez. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-12/nunca-mais-seremos-um-pais-socialista-diz-eduardo-bolsonaro>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MORENO, Ana Carolina. “Governo interveio em 6 de 12 nomeações de Reitores de Universidades Federais até agosto”. **G1**. 31 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/08/31/governo-interveio-em-6-de-12-nomeacoes-de-reitores-de-universidades-federais-ate-agosto.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.

NIKLAS, Jan. “Regina Duarte aceita convite de Bolsonaro para Secretária da Cultura”. **O GLOBO**, 04 mar. 2020, disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/regina-duarte-aceita-convite-assumira-secretaria-da-cultura-24218151>. Acesso em: 23 abr. 2020.

NOVAESCOLA. “O que pensa Abraham Weintraub, o novo ministro da Educação”. 09 abr. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16854/o-que-pensa-abraham-weintraub-o-novo-ministro-da-educacao>. Acesso em: 29 jan. 2020.

O GLOBO. “Foragido assume autoria de ataque ao Porta dos Fundos e diz que pedirá asilo na Rússia”. 03 jan. 2020, Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/foragido-assume-autoria-de-ataque-ao-porta-dos-fundos-diz-que-pedira-asilo-na-russia-24171105>. Acesso em: 29 jan. 2020.

PINHEIRO, Constança Tastch e Amanda. “Angela Davis define Rio como ‘a cidade de Marielle’ e cobra punição a mandantes”. **O Globo**, 23 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/celina/angela-davis-define-rio-como-cidade-de-marielle-cobra-punicao-mandantes-24038303>. Acesso em: 27 jan. 2020.

PRAGMATISMO POLÍTICO, “Bolsonaro diz que Olavo indicou Véléz baseado em ‘publicações aí’”. 03 jun. 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/06/bolsonaro-olavo-indicou-velez-publicacoes.html>. Acesso em: 09 mar. 2020.

ROLLINGSTONE/UOL. “Os Beatles foram invenção socialista para fazer garotas abortarem, diz novo presidente da Funarte”. 02 dez. 2019. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/os-beatles-foram-invencao-socialista-para-fazer-garotas-americanas-abortarem-diz-novo-presidente-da-funarte>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SADI, Andreia. Decreto dá a Santos Cruz poder de avaliar até nomeação de reitores de universidades federais. **G1**. 16 maio 2019. <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2019/05/16/decreto-da-a-santos-cruz-poder-de-avaliar-ate-nomeacao-de-reitores-de-universidades-federais.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.

SANTOS, Carolina. “11 erros do ministro da Educação que você não pode cometer no Enem”. **UOL**. 15 out. 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/10/15/veja-erros-do-ministro-da-educacao-que-voce-nao-pode-cometer-no-enem.htm>. Acesso em: 31 jan. 2020.

SOARES, Jussara: “‘Você é o líder da revolução’, diz Paulo Guedes a Olavo de Carvalho”. **O GLOBO**, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/voce-o-lider-da-revolucao-diz-paulo-guedes-olavo-de-carvalho-23530572>. Acesso em: 03 mar. 2020.

SAYURI, Juliana. “Bolsonaro já interveio em metade das universidades federais que tiveram eleições para a reitoria”. **THE INTERCEPT**, 02 out. 2019. Disponível em: <https://theintercept.com/2019/10/03/bolsonaro-universidades-reitores>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SMITH, Manoella; MOLINERO, Bruno. “Presidente da Biblioteca Nacional associa Caetano Veloso ao analfabetismo”. **FOLHA DE SÃO PAULO**. 02 dez. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/12/presidente-da-biblioteca-nacional-associa-caetano-veloso-ao-analfabetismo.shtml>. Acesso em: 11 mar. 2020.

TENENTE, Luiza; FIGUEIREDO, Patricia. “Entenda o corte de verbas das universidades federais e saiba como são os orçamentos das 10 maiores”. **G1**. 15 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/entenda-o-corte-de-verba-das-universidades-federais-e-saiba-como-sao-os-orcamentos-das-10-maiores.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2020.

TERRA, “Esquerda não merece ser tratada como normal, diz Bolsonaro”, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/esquerda-nao-merece-ser-tratada-como-normal-diz-bolsonaro,9537b97a182bb93ac08a08194ac8d93bxffx49n4.html>. Acesso em: 20 jan. 2020.

UOL, “Eduardo Bolsonaro fala em novo AI-5 “se esquerda radicalizar”, 31 out. 2019, disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noti>

cias/2019/10/31/eduardo-bolsonaro-fala-em-novo-ai-5-se-esquerda-radicalizar.htm. Acesso em: 19 jan. 2020.

ZANINI, Fábio. “Filme sobre o golpe de 64 diz que militares perderam a batalha das ideias”, **FOLHA DE SÃO PAULO**. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/04/01/filme-sobre-o-golpe-de-64-diz-que-a-direita-perdeu-a-batalha-das-ideias/>. Acesso em: 09 mar. 2020.

ZANINI, Fábio. “Produtora Brasil Paralelo revisa a história em filmes e livros com visão de direita”. **FOLHA DE SÃO PAULO**, 12 ago. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/08/produtora-brasil-paralelo-revisa-a-historia-em-filmes-e-livros-com-visao-de-direita.shtml>. Acesso em: 09 mar. 2020.

Vídeos:

BRASIL PARALELO. “O Brasil entre armas e livros (FILME COMPLETO)”. **Canal Gazeta da semana**, 04 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rctpKPhivek>. Acesso em: 09 mar. 2020.

NAGLE, Leda, “O que Eduardo Bolsonaro REALMENTE falou sobre o AI-5?”, www.youtube.com, 31 out. 2019, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_cyKtITpL4&t=34s. Acesso em: 10 jan. 2020.

Publicações em Redes Sociais:

TWITTER. @republica_ctba, República de Curitiba. “Bolsonaro assina decreto que deve acabar com os ‘soviets’ do PT”. 13 abr. 2019, disponível em: https://twitter.com/republica_ctba/status/1117099731623215104. Acesso em: 14 mar. 2020.

TWITTER. @e_vire, Ordem e progresso vire a direita, 8 abr. 2019. Disponível em: https://twitter.com/search?q=%E2%80%9CO%20socialista%20%C3%A9%20a%20Aids%3B%20e%20o%20comunista%2C%20a%20doen%C3%A7a%20oportunista%E2%80%9D&src=typed_query, Acesso em: 29 jan. 2020.

TWITTER. @jairbolsonaro. BOLSONARO. Jair M. 14 abr. 2019. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1117441294048071682>. Acesso em: 14 mar. 2020.

TWITTER, @BolsonaroSP, BOLSONARO, Eduardo. 21 maio 2019. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1130770554154311680>. Acesso em: 03 mar. 2020.

TWITTER, @AbrahamWeint, WEINTRAUB, Abraham, 05 jan. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/search?q=Voltei%2C%20pronto%20para%20a%20batalha%2C%20e%20conto%20com%20a%20ajuda%20de%20todos%20vo->

c%C3%AAs!%202030%20promete%20ser%20um%20excelente%20ano!&src=typed_query. Acesso em: 29 jan. 2020.

TWITTER, @BolsonaroSP, BOLSONARO, Eduardo. 13 jan. 2020. Disponível em: <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1216896779133669376>. Acesso em: 28 jan. 2020.